



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

**DÉBORA LAMEIRA SILVESTRE**

**MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE OS DESAFIOS  
ENFRENTADOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS MÃES DO CAMPUS DA  
UFPA EM CASTANHAL**

Castanhal-PA  
JULHO/2019

**DÉBORA LAMEIRA SILVESTRE**

**MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE OS DESAFIOS  
ENFRENTADOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS MÃES DO CAMPUS DA  
UFPA EM CASTANHAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Castanhal como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eula Regina Lima Nascimento.

CASTANHAL  
JULHO/2019

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE OS DESAFIOS  
ENFRENTADOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS MÃES DO CAMPUS DA  
UFPA EM CASTANHAL**

Autor(a): Débora Lameira Silvestre

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eula Regina Lima Nascimento

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eula Regina Lima Nascimento

---

Prof.<sup>a</sup> MsC Denise Kelly Lima sodré

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> João Batista Santiago Ramos

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela graça de viver, e permitir chegar aqui mesmo com dificuldades enfrentadas no percurso.

À família, esposo e filhos Miguel e Livia, minha razão de viver, e por suportar os momentos de estresse.

Aos pais, exemplos de caráter, em especial minha mãe, braço direito nesta jornada, sempre cuidando dos meus filhos e apoiando, mesmo quando cansada, sem ela a permanência e conclusão do curso não seria possível.

As amigas e companheiras inseparáveis neste período, Analine Reis, Letícia Bessa e Luana Kethellen pelo companheirismo em todos os momentos. Amizade que ficará para além da universidade. Em especial a amiga e parceira de graduação Analine Reis, por me abrir os olhos para o tema deste trabalho, algo vivenciado por mim.

As estudantes universitárias mães que aceitaram colaborar com este trabalho compartilhando suas vivências. Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram com esta conquista.

A Universidade Federal do Pará por todas as experiências e aprendizagens nestes quatro anos, colaborando tanto com minha formação intelectual quanto como ser humano.

Aos professores por sua imensa contribuição em minha formação profissional, e também pessoal.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eula Regina L. Nascimento por acreditar neste trabalho, e por seu apoio emocional tão afetuoso.

Por fim agradeço a banca por sua disponibilidade, pela paciência na leitura do trabalho, bem como suas possíveis contribuições que certamente serão de grande importância na melhoria tanto deste, quanto de futuros trabalhos que vierem a ser produzidos.

## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo geral analisar os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães, tendo em vista compreender como tais estudantes conciliam a maternidade com as exigências do mundo universitário. A escolha dessa temática surgiu a partir da observação de mulheres que mesmo grávidas ou tendo que levar os filhos para a universidade continuaram estudando. E, buscando responder essa questão, realizamos uma investigação de abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados, formulário sobre mulheres e maternidade, demandado para as Faculdades do Campus de Castanhal; Entrevistas com cinco (05) mulheres entre 19 a 26 anos que foram mães durante o percurso acadêmico. O lócus foi o Campus Universitário de Castanhal/UFGA. Os autores que favorecem o diálogo sobre Mulher, Maternidade, Educação foram: Elizabeth Badinter (1985), Nancy Chodorow (2002), Louro (1997) Sampaio (2008), (Urpia 2009), Coulon (2009) entre outros. Os resultados no diálogo com a literatura sobre mulher e maternidade apontam que, por muito tempo a mulher foi vista como alguém inferior, incapaz de exercer outro papel que não fosse de dedicar-se a vida privada e a reprodução. Além de que, a maternidade era cercada de restrições à mulher, não podendo em um dado momento histórico se quer amamentar seu filho. Os dados evidenciam que as limitações impostas à figura feminina deixaram a mulher sem direito a educação, por muito tempo, mas aos poucos, com lutas históricas conquistou o acesso à escolarização, chegando ao Ensino Superior, conquistando seu lugar como sujeita de direitos. Bem como, os resultados dos dados assinalam que as dificuldades encontradas pelas universitárias/mães correspondem às responsabilidades referentes ao exercício da dupla função, onde a vivência do desafio e da jornada, somente foi possível pelo apoio incondicional que recebem de suas mães.

**Palavras - Chave:** Mulher - Maternidade - Educação Superior

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the challenges faced by mother university students, in order to understand how such students reconcile motherhood with the demands of the university world. The choice of this theme arose from the observation of women who even pregnant or having to take their children to university continued to study. And, seeking to answer this question, we conducted a qualitative approach investigation, having as data collection instruments, form on women and maternity, demanded for the Colleges of Castanhal Campus; Interviews with five (05) women between 19 and 26 years old who were mothers during the academic course. The locus was the University Campus of Castanhal / UFPA. The authors who favor the dialogue about Women, Maternity, Education were: Elizabeth Badinter (1985), Nancy Chodorow (2002), Laurel (1997) Sampaio (2008), (Urpia 2009), Coulon (2009) among others. The results in the dialogue with the literature on women and motherhood indicate that, for a long time, women were seen as inferior, unable to play any role other than devoting themselves to private life and reproduction. Moreover, motherhood was surrounded by restrictions on women, and at no given historical moment one wants to breastfeed her child. The data show that the limitations imposed on the female figure left women without education, for a long time, but gradually, with historical struggles conquered access to schooling, reaching higher education, gaining its place as a subject of rights. As well as, the results of the data indicate that the difficulties encountered by the university students / mothers correspond to the responsibilities related to the exercise of the double function, where the experience of the challenge and the journey was only possible due to the unconditional support they receive from their mothers.

Keywords: Woman. Maternity. College education

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAS-** Comissão de Assuntos Sociais

**CLT-** Consolidação das Leis do Trabalho

**LDB-** Lei das Diretrizes e Bases da Educação

**UFBA-** Universidade Federal da Bahia

**UFPA-** Universidade Federal do Pará

**UNE-** União Nacional dos Estudantes

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Gráfico</b> - Número de mulheres matriculadas e que engravidaram do Campus UFPA Castanhal no período 2015/2019.....	52
<b>Tabela</b> - Participantes da pesquisa.....	34

## SUMÁRIO

<b>SEÇÃO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
1.1 - INTRODUÇÃO.....	10
1.2 - PROBLEMA.....	12
1.3 - OBJETIVOS.....	12
1.4 - JUSTIFICATIVA.....	12
<b>SEÇÃO II - REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
2.1 - Maternidade: desnaturalização.....	14
2.2 - Mulher e educação: o direito de estudar.....	20
2.3 - Ser mãe e estudante universitária.....	24
2.4 – Políticas Públicas: permanência da mulher estudante e mãe.....	26
2.5 - A importância da creche na universidade.....	29
<b>SEÇÃO III - PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>33</b>
<b>SEÇÃO IV - ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>36</b>
4.1 - O conceito de maternidade.....	36
4.2 - Ser mãe e graduanda.....	38
4.3 - Mãe e graduanda: o desempenho acadêmico.....	40
4.4 - A possibilidade do trancamento/abandono.....	43
4.5 - Redes de apoio às graduandas.....	45
4.6 - A importância da creche.....	47
4.7 - Medidas de apoio da universidade.....	47
4.8 - Relevando dados das faculdades.....	50
<b>5.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>6.0 – REFERÊNCIAS</b>	
<b>7.0 - APÊNDICE</b>	

## **SEÇÃO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

### **1.1 INTRODUÇÃO**

É sabido, que antes das conquistas femininas, e o reconhecimento da mulher como sujeito de direitos, há um longo percurso histórico no qual as mulheres foram privadas de direitos. Em contextos os quais imperava a soberania masculina, à mulher era negado o direito de amamentar e acariciar seu próprio filho, do mesmo modo, lhes era negado o direito à escolarização, restando a ela dedicar-se apenas aos trabalhos do lar.

Desta feita, muitas foram as lutas por reconhecimento como sujeita de direitos, assim as mulheres conseguiram ter seus direitos garantidos por lei. Neste contexto, vale destacar as conquistas no âmbito educacional, neste caso, mais especificamente seu acesso à universidade.

Pesquisas recentes no Brasil apontam que as mulheres tem sido maioria em todos os níveis de Ensino no país, inclusive na Educação Superior. Dados do Plano Nacional de Qualificação, Ministério do Trabalho e Previdência Social, demonstram que as mulheres estão em maior número nas escolas, universidades e cursos de qualificação (BRASIL, 2016, p.1). É, portanto, neste espaço, da universidade, no qual a presença feminina é cada vez mais forte, que desenvolvemos a investigação.

A perspectiva seguida neste trabalho levou em consideração a mulher enquanto mãe e estudante universitária. Fazendo abordagens acerca do conceito de maternidade e sua construção histórico-social, bem como a conquista do direito a escolarização, até chegar ao Ensino Superior. Pois é sabido que a mulher tem conquistado e reafirmado, cada vez mais seu espaço na sociedade, transpondo barreiras, convenções e o mito de que seu papel é de ser esposa, mãe, dona do lar, submissa, obediente, dependente.

A pesquisa por objetivo analisar os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães, tendo em vista compreender como tais estudantes conciliam a maternidade com as exigências do mundo universitário.

O interesse por esta temática se deu a partir da experiência pessoal enquanto estudante universitária, e sendo surpreendida por uma gravidez. Pois mesmo já sendo mãe, a primeira gravidez não se deu no contexto acadêmico. A partir desta

experiência, tornou-se bem mais visível para mim está realidade na qual muitas estudantes universitárias estavam inseridas. Deste modo alguns questionamentos surgidos neste contexto, me conduziram à temática, mães universitárias.

Desta feita, este estudo traz contributos que darão maior visibilidade à condição de estudante universitária e mãe, bem como os desafios enfrentados por essas estudantes no aspecto acadêmico, pessoal, e social.

A coleta de dados e a análise destes aspectos envoltos na condição de mãe e universitária foi realizada com cinco (05) discentes de diferentes cursos de graduação da Universidade Federal do Pará, do Campus Castanhal/Pará.

Para este estudo, foi realizada uma investigação de caráter qualitativo, a partir de uma pesquisa de campo, através de um estudo de caso a fim de explicar, que desafios as estudantes universitárias mães enfrentam em sua vida acadêmica no âmbito da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A partir da utilização do roteiro definido previamente, as entrevistas se deram com uso de gravador para posteriormente, os relatos serem transcritos.

A referida pesquisa caracteriza-se como exploratória, visto que a mesma se dá a partir da investigação de um fenômeno dentro do seu contexto real. As participantes eram estudantes do Ensino Superior que se tornaram mães ao longo de seu percurso acadêmico, de qualquer área de formação, ou período da graduação do Campus Universitário da UFPA/ Castanhal.

Para construção, foi realizada pesquisa bibliográfica a fim de selecionar autoras que discutissem a temática. Bem como, artigos, teses entre outros que possibilitaram esta discussão, fundamentada em autoras como, Elizabeth Badinter (1985), Nancy Chodorow (2002), Louro (1997), Sampaio (2008), (Urpia 2009), Coulon (2009) entre outros.

O texto está estruturado em três capítulos. No primeiro apresenta-se a introdução do estudo e seu percurso metodológico. No segundo apresenta-se a análise dos dados coletados a partir da pesquisa feita no campus UFPA<sup>1</sup> Castanhal.

O terceiro capítulo discorremos acerca de dados da instituição referente à forma como a universidade trata no aspecto administrativo a situação das estudantes universitárias mães do campus. E no quarto apresentamos as considerações finais.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará.

## 1.2 - PROBLEMA

O problema de pesquisa deve ser entendido como eixo basilar, auxiliar do pesquisador, capaz de conjecturar uma melhor visão do que se pretende descobrir, investigar.

A observação, e vivencia desta realidade presente na universidade, e a experiência de ser parte deste contexto, provocou-me a necessidade de compreender melhor esta questão, trazendo para esta conjuntura a de delimitação do seguinte problema de pesquisa: **Quais desafios as estudantes universitárias mães enfrentam em sua vida acadêmica no âmbito da Universidade Federal do Pará, campus Castanhal?**

## 1.3 - OBJETIVOS

**GERAL:** Analisar os desafios enfrentados pelas estudantes universitárias mães, tendo em vista compreender como tais estudantes conciliam a maternidade com as exigências do mundo universitário.

### **ESPECÍFICOS:**

- Descrever as experiências vivenciadas por estudantes universitárias da relação entre maternidade e vida acadêmica;
- Reconhecer os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do Campus da UFPA/Castanhal;
- Refletir sobre, discutir os possíveis reflexos da condição maternidade x vida acadêmica na vida pessoal e na formação acadêmico-profissional.

## 1.4 - JUSTIFICATIVA

É bastante comum nos dias atuais, vemos muitas jovens na fase escolar vivenciar uma gravidez, acontecimento que, conseqüentemente, contribui para comprometer sua permanência no ambiente escolar, levando-as ao abandonar os

estudos. Nesse sentido, a interrupção dos estudos ocorre, seja por não ter condições emocionais para lidar com esta condição, insegurança; ou não ter alguém que possa cuidar do bebê, dentre outros.

Fato é que prosseguir com os estudos na condição de grávida ou nutriz não se constitui tarefa fácil, dada a natureza da profunda relação de dependência entre mãe e filho, quer seja pelo fato da genitora ser a principal fonte de alimento do lactente, por dependência afetiva, etc. Desta feita, para a mãe universitária as questões são praticamente as mesmas, ainda que a literatura seja escassa acerca da condição de ser mãe no contexto acadêmico.

Pautada nesse processo da observação de estudantes universitárias mães, no Campus Universitário de Castanhal, da UFPA que estando grávidas ou com o seu bebê no colo prosseguiram com as demandas da vida acadêmica, despertou-me o interesse de compreender como estas mulheres enfrentavam este momento em suas vidas e o desafio de conciliar maternidade e vida acadêmica.

Tema ainda pouco abordado dentro do espaço da universidade com questões a serem esclarecidas, podendo trazer importantes contributos, sendo de relevância para a sociedade, haja vista, que a incidência desta condição tem estado cada vez mais presente no Ensino Superior.

Os resultados advindos desta investigação poderão constituir-se um importante instrumento para uma melhor compreensão desta ocorrência dentro das universidades e seus possíveis impactos na formação destas mães, além de promover uma análise das políticas de apoio que estas estudantes universitárias mães recebem dentro do espaço acadêmico, bem como a garantia do cumprimento legal garantido as estudantes grávidas e/ou lactantes. Por tudo dito, acreditamos ser necessária a pesquisa a fim de ampliar as discussões e conhecimentos sobre o tema. Além de conhecer e discutir acerca das políticas de permanência da mãe acadêmica.

## SEÇÃO II – REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

### 2.1 - MATERNIDADE: DESNATURALIZAÇÃO

E, para começo de conversa, trazemos o termo Maternidade, que segundo o dicionário infopédia, maternidade é nome feminino 1. Qualidade ou estado de mãe 2.Estado de gravidez; gestação 3. Relação afetiva entre mãe e filho(s).

Nesta definição, a palavra maternidade ao ser dicionarizada, apresenta-se imbricada ao universo das fêmeas; das mulheres; e na sequencia remete a qualidade ou estado de ser mãe; ao estado de gravidez; bem como, concomitante traz a relação afetiva entre mãe e filho.

Destacamos que nossa discussão neste trabalho de investigação perpassa esses vocábulos, acima apresentados, porém temos como foco a maternidade vivida por graduandas no ensino superior, e não apenas a gravidez, entretanto ambas as palavras, na literatura são frequentemente, vistas como sinônimas, mas apresentam circunstâncias distintas entre as mesmas, parafraseando Leal (1990).

Desta feita, ressaltamos que, temos a compreensão, no diálogo com a literatura da área da saúde humana, de que a gravidez abarca o período aproximado de quarenta (40) semanas, a partir da concepção até o momento do parto, a qual culmina com o nascimento da criança.

Ao mesmo tempo em que a maternidade é entendida, neste trabalho de investigação, enquanto construção histórica e social, esta forma de apreensão demanda diálogo com autores, dentre os quais destacamos a filósofa Elizabeth Badinter (1985), especialmente sua obra: *O mito do Amor Materno*, a qual contribuiu para desconstruir a concepção da maternidade, arquetizada como algo natural e desejável, por todas as mulheres, ao longo da história da humanidade. Conforme consta no trecho da referida a seguir:

Ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria,

que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É "adicional". (BADINTER, 1985)

Maternidade influenciada por meio do estabelecimento de regras, padrões, valores que atravessam a compreensão do mundo e as condutas na vida social. Logo, as representações das feminilidades quais são elevadas socialmente.

Referenciada na visão de Badinter (1985), compreendemos a maternidade caracterizada como uma construção social enraizada simbolicamente, que foi sofrendo modificações a partir dos diferentes contextos históricos.

Nesse sentido, o amor materno nem sempre foi o mesmo, haja vista que as modificações, e as compreensões acerca da maternagem, de acordo com os teóricos foram sendo produzidas por uma série de exercícios sociais de cada momento da história da humanidade.

Partimos, portanto, da concepção de maternidade a qual se desdobrou de acordo com a história construída, por cada sociedade, imbricada a importância dada à relação mãe-criança, intrinsecamente associada ao papel da mulher, da fêmea, que foi obrigatoriamente, responsabilizada pela maternidade.

Para refletir sobre a forma de abordagem não naturalizada, foi necessário resgatar elementos teóricos, livros, artigos disponíveis em bases científicas, que discorrem sobre a (des)construção da maternidade, enquanto ocorrência, que durante muito tempo foi perpetuada como natural e socialmente determinada.

Pautada no enfoque da (des)naturalização, arriscamos apreender a maternidade, no atual cenário da sociedade, em pleno século XXI, envolta em novas configurações e (re) configurações sociais, econômicas; que contribuem para questionarmos o próprio papel da maternidade na vida das mulheres, para além dos determinismos socialmente estabelecidos para a fêmea, e conseqüentemente para a maternidade historicamente.

Nesse sentido, a maternidade, não constituiu-se enquanto um acontecimento, meramente biológico, como durante longos anos foi definido. Mas, como uma vivência pessoal, inserida na dinâmica historicamente e socialmente construída, que envolve dependência física, afetiva e que demanda vários cuidados, em alguns momentos, cuidados especiais.

A reafirmação da maternidade enquanto processo que está imbricado, as particularidades de cada mulher, porém em sintonia com o contexto social e histórico, constituiu-se fruto de nossa experiência de viver os dois momentos, ou seja, a gravidez

e a maternidade, na Universidade Federal do Pará, na condição de acadêmica do Curso de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal e em consonância com os dados coletados com outras mulheres acadêmicas, sujeitas das mesmas vivências.

Maternidade, pautada em revisitação histórica, em consonância com as ideias da antropóloga americana Nancy Chodorow (2002), que em seu livro *Psicanálise da Maternidade*, aborda o papel do relacionamento mãe-criança, que nem sempre foi o mesmo historicamente, pois sofreu variações, visto que as concepções e práticas relacionadas à maternagem foram produzidas por uma série de agenciamentos sociais, dentre os quais discursos e práticas científicas, incorporadas ao senso comum, que assumem importante papel de destaque na vida das mulheres.

A autora assinala o fato de que a dedicação da mulher ao papel materno deve-se bem mais a um arranjo social e cultural, do que a capacidade de dar à luz e amamentar uma criança. Nesse contexto, a homogeneização das representações sociais da maternidade contribuiu para que às mulheres fossem moldadas para assumir o seu papel materno, bem como, o que devem fazer enquanto mães, por meio de discursos circulantes na sociedade.

Em sentido contrário, falar na não-maternidade é ponderar a partir de um lugar de negação de outra identidade, de uma identidade que não se é – mãe – mas que fornece condições para que ela exista (WOODWARD, 2000). Desta feita, a demarcação, a fixação rotineira dos discursos culturais, durante séculos, recrutaram mulheres a identificarem-se com os mesmos, tornando-os como verdades absolutas, definindo, determinando identidades femininas historicamente.

O resultado prático dos discursos, dos significados da maternidade, associados às ideias do amor, do cuidado passaram a afirmar referenciais de valores considerados ideais para as mulheres, para a sociedade, em diferentes tempos históricos.

A propósito, para as autoras com os quais dialogamos, nesta revisitação teórica, quando se aborda sobre o amor materno, geralmente somos levados a pensar em todos os sentimentos bons, de realização, de satisfação, dentre outros, sentimentos estes que são apresentados como naturais à condição da mãe.

Porém, para Badinter (1980) esse amor, ou seja, o amor maternal, não faz parte da natureza feminina. Ainda segundo a referida autora, o amor maternal é

complexo e imperfeito, encontra-se distante de ser um instinto, para isso dependente de diversos fatores.

Do mesmo modo, Ariés (1986) reafirma que os conceitos acerca dos temas infância, família e maternidade, sofreram mudanças a partir dos diversos contextos de cada época. E exemplifica que, na antiguidade, a maternidade era vista de maneira desvalorizada, e afirma que o sentimento materno somente viria brotar mais tarde, advindo de mudanças históricas.

Desta feita, com base nessa linha de raciocínio histórico do autor, pode ser asseverado que, da Idade Média até o século XVII, nas famílias nobres, as crianças ficavam no convívio de suas mães por pouco tempo.

De acordo com autores como Moreira (2009), Badinter (1985), naquele momento histórico havia a prática comum de entregar o bebê para uma ama de leite, assim que este saía da barriga da mãe. Decorria deste fato, alto índice de mortalidade entre crianças; amamentadas pelas amas, sendo duas vezes superior ao índice de mortalidade das crianças amamentadas pelas próprias mães. No entanto, para Costa (1983, p.256), “o mais provável, porém, é que as mães ignorassem que a amamentação materna fosse vital à sobrevivência dos filhos”.

E, Moreira (2009, p.16) faz uma afirmação contundente, a construção histórica e social da maternidade, ao garantir que, “o sentimento de amor materno não existia nessa época como uma referência à afetividade”. Pois, até o século XVIII, carícias e ternuras entre mães e filhos eram traduzidas socialmente em termos de frouxidão e pecado, era difundido junto às mães que, elas perderiam os seus filhos caso os amantassem com prazer.

Badinter (1985) assinala que mudanças nos discursos inerentes a ausência de amor e afetividade surge entre a década de 1760-1770. Esses novos discursos surgem convidando os pais a viverem estes sentimentos, em especial a mãe. Ainda de acordo com a autora, após o ano de 1770 algumas orientações, recomendavam as mães que cuidassem de seus filhos, incluindo o papel de amamentá-los. No entanto, esta mudança, não se deu de maneira momentânea, necessitando diversos apelos, até que o objetivo fosse alcançado, nesse sentido;

Foram necessários nada menos que três discursos diferentes para que as mulheres voltassem a conhecer as doçuras do amor materno, e para que seus filhos tivessem maiores possibilidades de sobrevivência: um alarmante discurso econômico, dirigido apenas aos homens esclarecidos, um discurso

filosófico, comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres. (BADINTER, 1985, p.149)

Desse modo, com uma retórica direcionada às mulheres, o Estado buscava desenvolver nas mesmas, através da figura da mulher-mãe as responsabilidades maternas, que passarem a ser vislumbradas como responsáveis pela bem da família, da nação. O discurso contribuía para fazer as mulheres acreditar que a sociedade precisava delas. A partir daí, decorreu mudanças de comportamento das mulheres, passando o comportamento materno, ser rotulado de duas formas, ou seja, em exercício de mãe ausente, ou de mãe dedicada, sendo a segunda aquela esta que fazia o possível, para o bem estar de seu filho, inclusive com o cuidado de mantê-lo sempre junto a ela, nesse sentido;

A vigilância materna se estendeu de maneira ilimitada. Não havia hora do dia ou da noite em que a mãe não cuidasse sozinha, carinhosamente de seu filho. Quer estivesse em boa saúde ou doente, ela devia permanecer vigilante. Se, porém, ela adormecia estando o filho enfermo, eis que se sentia culpada do maior dos crimes maternos: a negligência. (BADINTER, 1985, p. 211)

Essa chave de leitura possibilita a compreensão da construção social da maternidade, a qual transitou da perspectiva da desvalorização, passando pela retórica da responsabilidade, passando pela vigilância e culmina com o sentimento de culpabilidade pela negligência, enquanto crime materno.

Desta feita, importante compreender que o amor de mãe é adicional, não havendo lei que universalize esse sentimento. E logo, não há uma conduta universal indispensável para tornar-se mãe. Mas sim, verifica-se a existência de imensa variedade deste sentimento plural, influenciado pela cultura, pelo contexto, ou mesmo pelo papel da mulher, frente à maternidade. Badinter afirma que:

Esse sentimento pode existir ou não existir, ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nesta matéria que, escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional. (BADINTER, 2011)

Desta feita, faz-se necessário a coletividade repensar e ponderar acerca da desnaturalização da maternidade, pois pelo viés do mito da maternagem, a sociedade

versa de forma instintiva sobre o amor materno, e automaticamente as pessoas são levadas a pensa-la de forma romantizada, a qual cabe à fêmea o encargo de sentimentos bons, de satisfação, de realização.

Nesta construção social, o papel da mulher é historicamente visto sobre a ótica de uma missão divina e a maternidade como benção na vida. Desta feita, importante reafirmar que, a concepção de maternidade que se tem hoje, fundamentada no amor natural, espontâneo pelo filho nem sempre foi assim.

As obras de Elisabeth Badinter (1985) e Nancy Chodorow (2002) contribuem para clarificar as expressões da maternidade durante os séculos. As autoras defendem que o amor materno e a maternidade, enquanto criação social com objetivo definido de subjugar a mulher ao âmbito doméstico. E na sequência abordamos essa forte idealização, no diálogo com as ideias das duas autoras.

A literatura consultada demarca historicamente, então, a premissa da existência de espaços bem determinados de homens, e de mulheres, de masculino, e de feminino, enquanto lugares antagônicos, distintos.

E a maternidade tem seu espaço, bem definido atrelado à feminilidade, visão que privilegia a assimilação do materno, com o mundo das mulheres, que incide numa relação com o espaço doméstico, com as práticas voltadas exclusivamente para o lar.

Nessa lógica histórica, social da maternidade é importante considerar o antagonismo entre as qualidades atribuídas ao masculino e ao feminino.

Colocados como tradicionalmente opostas, a esfera masculina por excelência estaria atrelada a atividade de prover o sustento do lar; da família; de garantir o trabalho produtivo; o dever laboral do homem, do macho, preferencialmente na esfera pública, fora do âmbito do domicílio.

A esfera feminina estaria prendida as práticas domésticas, consideradas como determinantes para a reprodução da espécie humana, e as mulheres concebidas como: passivas, inertes, pacientes, tranquilas, logicamente, comprometidas com as necessidades das crianças; com os cuidados da casa; com as tarefas de limpeza e higiene em geral; as requisições e formas adequadas de preparar e prover a alimentação; saúde; o bem estar coletivo; obrigatoriamente na esfera doméstica, fora da esfera pública, considerada como a atividade não produtiva.

Vale ressaltar que, tradicionalmente, os significados dos termos homem, mulher, masculino e feminino, bem como, o conceito de maternidade, e logo os

papeis bem definidos socialmente da vida em família foram arquitetados historicamente, daí a importância de ressaltar que essas diferenças são construídas, ou seja, não são naturais, fixas, ou mesmo imutáveis.

Nessa perspectiva, a maternidade, a divisão do mundo do trabalho, no que pressupõe que homens pertencem ao ambiente público e mulheres ao ambiente privado, demarcada por antagonismos construídos e firmados ao longo do tempo, que defende a premissa que, as mulheres cabe tomar conta do lar e da família; no espaço doméstico, e aos homens cabe obter o sustento da família, no espaço público, demanda questionamentos reflexões para além deste binômio,

Faz-se necessário nas alocações sobre a maternidade, perceber melhor as relações de poder, as quais podem e devem ser alcançada para além da naturalização de diferenças, na imposição de papéis de homens e mulheres, na definição de limites, criação de assimetrias. Enquanto instrumento de ordenação do mundo, no âmbito do binômio homem/mulher, masculino/feminino, público/doméstico, bem como a suposta essência feminina para a maternidade, a qual demanda reflexões, questionamentos, pois no diálogo com Badinter (2011) faz necessário afirmar convictamente, que o instinto materno constitui-se um mito, criado enquanto uma fantasia historicamente construída.

Para finalizar esse tópico, importante ressaltar que a maternidade não pode e não deve ser percebida como uma característica universal feminina, revestida de naturalidade, misturada por emoções inatas, instintivas que toda mulher/ mãe deve possuir independente de questões culturais e ou situações sociais, uma vez que, toda realidade é socialmente construída.

## **2.2- MULHER E EDUCAÇÃO: O DIREITO DE ESTUDAR**

Em sintonia com o primeiro tópico, no qual desnaturalizamos a compreensão romântica da maternidade, nesse segundo item, discutimos a construção da visão da figura feminina, construída historicamente sob a égide de leituras preconceituosas, de inferioridade, subalternidade. E, neste cenário a conquista do direito de estudar da mulher. Porém, atualmente, vários estudos, de viés histórico, sociológico, antropológico, contribuem para desconstruir as universalidades que giram em torno do papel da mulher, essas discussões contribuem para a revisitação da criação social, que se faz da mulher.

Importante esclarecer, que segundo autoras como Louro (1997), Mary Del Priore (1995), a concepção que se tem hoje de mulher, as teorias e as práticas relativas a mesma constitui-se resultado de toda uma trajetória histórica, influenciada por discursos e interesses de cada época

Nessa perspectiva, a mulher durante longos períodos da história, foi tida como um ser inferior ao homem, sendo este o dominador, o soberano de suas vontades, visão apoiado pelas ideias propagadas pela religião, como a passagem bíblica que afirma ser a mulher oriunda da costela de Adão. E, até mesmo pela ciência, a qual afirmava via teorias, que a mulher era inferior ao sexo masculino, na inteligência, na força, dentre outros atributos.

Com base, nessas premissas de inferioridade, subalternidade, a mulher deveria dedicar-se unicamente à função de reprodutora e os afazeres domésticos, e nesse contexto a negação do direito a educação.

Desta forma, a trajetória das lutas femininas em busca de reconhecimento, de igualdade, de valorização enquanto ser humana sujeita, dona de si, é uma história cercada por muitos desafios e superações, em uma sociedade fundamentada no poder patriarcal.

A propósito, a história tradicional, a que foi escrita majoritariamente por homens, negava espaço às minorias, negros, escravos, pobres e também mulheres, às mulheres foi negado por muito tempo o direito de estudar, e quando lhes era permitido, sua educação era voltada aos afazeres domésticos e somente mais tarde teve acesso ao ensino, nas escolas de primeiras letras, pois acreditava-se que a instrução feminina atrapalharia o bom desempenho do seu papel materno.

O exemplo disto, versos na época do Brasil Colônia expõe a contrariedade à instrução da mulher, como relata Ribeiro (1997):

“mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família saiba pouco ou saiba nada.” e “[...] a mulher honrada deve ser sempre calada.” (Ribeiro, 1997, p.2).

Tal declaração expõe a imagem de inferioridade da mulher, negando seu acesso à educação formal, limitando a mulher ao papel de esposa e dona de casa. Pois conforme Louro (1997) nesta conjuntura social a mulher poderia ser educada, mas não instruída.

Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos já que seu destino primordial – como esposa

e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser em primeiro lugar, a mãe *o pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro (Louro, 1997, p. 46, grifo da autora)

Assim, as meninas eram educadas no lar, no qual o principal desígnio era o aprenderem as tarefas domésticas. Todavia, mesmo depois da instituição das escolas, de primeiras letras em 1827, as meninas não tinham acesso aos mesmos ensinamentos dado aos meninos, como por exemplo, as matérias consideradas de cunho mais racional, como a geometria, que era ensinada somente aos meninos, pois a mulher não era vista como um ser capaz e autônomo, mas um ser frágil e dependente da figura masculina, devendo desta forma ser poupada de outras ocupações que não as do lar. Isso fica evidente no trecho retirado da obra de Augusto Comte:

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe. ( COMTE, 2000 P. 278)

Além disto, nas escolas por muito tempo o papel de professor foi considerado uma profissão masculina. No Brasil paulatinamente a mulher foi consolidando seu lugar no magistério já que na época, final do século XIX, até então, não era permitido por questões morais que as meninas fossem educadas por professores (homens).

Conforme descrito por Almeida (1998), são dois os motivos que levaram a inserção das mulheres no magistério, a não aceitação da educação nos moldes da igreja católica e a necessidade de docentes mulheres, a fim de realizar a regência das classes femininas.

Em contrapartida Nóvoa (1991), considera que este processo que foi da educação das crianças das famílias à instituição escola, pode estar conexo a outros processos que ocasionaram mudanças no início do século XV. Como por exemplo, o desenvolvimento do comércio e realizações em outras áreas, ocasionando a saída do controle da educação das mãos da igreja e passando a ser competência do estado laico.

De fato, o acesso à educação formal foi fator de grande importância na emancipação da mulher. E após a mulher conquistar o direito de estudar, passando da condição de excluída e inferiorizada a figura de referência no magistério, a luta por

igualdade e direitos não cessou. A obtenção do seu espaço, na universidade pouco a pouco ela conquistou.

No Brasil, somente no final do século XIX, por volta de 1881 as mulheres obtiveram o direito de acesso o ensino superior. Ainda assim este acesso era permeado por uma predominância masculina, conforme citado por Aranha (2006):

De qualquer forma as mulheres achavam-se excluídas da possibilidade de acesso aos cursos superiores, mesmo que se preparassem adequadamente em escolas particulares ou com preceptores. Isto porque para tal não se exigiam diplomas, mas era necessário fazer os exames preparatórios aplicado pelo colégio D. Pedro II, destinado exclusivamente ao público masculino. (ARANHA, 2006, p.230)

Por outro lado, hoje tem chamado bastante atenção o fato de as mulheres serem maioria desde a educação básica, até as universidades.

Para Bezerra (1991, P.1) a mulher exerce um papel de igualdade com o homem na sociedade, tem direitos garantidos por lei [...] Um desses direitos conquistados pela mulher é o direito a educação.

Assim, ingresso das mulheres na universidade aconteceu inicialmente nos Estados unidos no ano de 1837, após serem criadas universidades exclusivas para mulheres, a primeira delas chamada de *Women's college*, no estado de Ohio.

A partir daí, na segunda metade do século XX as *Women's college* se espalham por boa parte dos estados unidos. Todavia a maioria destas oferecia somente cursos de bacharelado.

Entretanto no Brasil, o ensino superior para o público feminino teve início somente no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1879 quando fora dado a elas o direito de frequentar o ensino universitário por Dom Pedro II.

A primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil, foi na Bahia em 1887, formando-se na Faculdade Medicina.

De acordo com Blay e Conceição (1991) os quais relatam a história de Augusta Generosa Estrela, que tendo esta se formado em Medicina em Nova York no ano de 1876, ao voltar para o Brasil foi proibida de exercer a profissão.

Por fim, em 1970 houve uma grande expansão das universidades, neste momento as mulheres começam a fazer parte de maneira bem expressiva nas universidades do Brasil.

Hoje as mulheres são maioria nas universidades, mas algumas questões históricas ainda precisam ser vencidas, como a ideia de que às mulheres estão reservados os cursos de Letras, enfermagem, Pedagogia etc. a presença de mulheres em cursos como arquitetura, engenharia, direito, etc., os quais são tidos como de predominância masculina, é mais uma conquista das mulheres.

### **2.3- SER MÃE E ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA**

Dando continuidade à presença feminina nas universidades, introduzida no tópico anterior, é sabido que esta presença somente tem aumentado ao longo dos anos, mas que infelizmente muitas mulheres ainda enfrentam muitas barreiras para garantir seu espaço neste lugar. Para muitas este lugar ainda é inacessível. A maternidade e as tarefas domésticas desempenhadas por elas são a principal causa do seu não acesso a universidade ou por retardá-la.

É comum nos dias atuais, vemos muitas jovens da educação básica vivenciarem uma gravidez neste período, acontecimento que acaba por provocar o abandono da escola para estas jovens mães, seja por não ter condições emocionais para lidar com este momento, ou não conseguir conciliar a condição de estudante e a maternagem, entre outros. Fato é que prosseguir com os estudos na condição de grávida ou nutriz não se constitui tarefa fácil, dada a natureza da profunda relação de dependência entre mãe filho, e as demandas advindas com a maternidade. Para a mãe universitária as questões são praticamente as mesmas ainda que a literatura seja escassa acerca da condição de ser mãe no contexto acadêmico.

A tão sonhada vaga na universidade é o sonho de muitos jovens, a entrada na universidade traz consigo mudanças na vida do estudante, como menciona Coulon (2008), segundo o autor, ao entrar na universidade o estudante passa por um processo de transição que é cercada por múltiplos aprendizados, como seus códigos e funcionamento, até ser reconhecido e conhecer-se nesta circunstância.

Sampaio (2008) concorda que [...] a introdução na vida universitária se dá ao mesmo tempo de um conjunto de mudanças concernentes à passagem da juventude para a vida adulta. Portanto, tais processos não devem estar separados.

E neste processo de transição estão presentes as estudantes que tornam-se mães ao longo do seu percurso acadêmico, vivendo o desafio de conciliar maternidade e vida acadêmica.

O ingresso na vida acadêmica requer dedicação dos sujeitos, que nela estão inseridos, portanto sendo bastante difícil dedicar-se integralmente a dois eventos ao mesmo tempo. De acordo Coulon (2008), para se ter sucesso na vida acadêmica os que nela ingressarem devem se tornar procedentes dessa nova cultura, o que exige tempo e dedicação. O que para as mulheres na condição de estudantes universitárias mães são bastante desgastantes, já que para estas as demandas requeridas pela maternidade não podem ser ignoradas.

Conforme aponta Vasconcelos (2009, apud Bitencourt, 2013, p.88) “[...] mesmo estando na educação superior [...], a mulher ainda se sente responsabilizada pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, reproduzindo muitas vezes, a esfera privada como um espaço “naturalmente seu”.

Desta feita, conciliar maternidade e vida acadêmica exige bastante da mãe universitária, e para garantir que estas estudantes universitárias mães não abandonem a universidade é necessário que as políticas de acesso e permanência sejam efetivadas com maior atenção a este contexto, conforme citado por Sampaio; Urpia, 2009):

Desse modo, as políticas que pretendem funcionar como ação facilitadora da permanência dos estudantes não pode deixar de incluir e reconhecer as mulheres como grupo social em desvantagem de permanência ou desempenho, quando na condição de mães. Este aspecto é de fundamental importância para a inclusão de pautas reivindicatórias voltadas para o conjunto da população universitária feminina, e que possam contribuir, por exemplo, para dar visibilidade às demandas das estudantes que se tornam mães no percurso da formação superior (Sampaio; Urpia, 2009,p.164)

A universidade como espaço de inclusão, por conseguinte tem função de significativa importância nesta trajetória na busca pela conquista do crescimento pessoal e profissional da mulher, e de assistência as suas discentes.

Destacamos ainda que Gravidez e Maternidade não são somente fenômenos biológicos, mas também elementos da conjuntura cultural, social e afetiva, na abordagem de Paim (1988) *apud* Oliveira, (2008). Portanto, as mulheres graduandas, precisam ser percebidas e respeitadas em todos os aspectos que envolvem estes momentos, pois se constitui um desafio conciliar com a vida acadêmica.

Nesse sentido, Gravidez e Maternidade demandam atenção significativa da universidade, afim de que estas estudantes universitárias mães sintam se amparadas tanto no que diz respeito às políticas públicas nacionais, quanto àquelas pensadas pela universidade no âmbito local. Pois consideramos que a universidade é um espaço de busca por emancipação, neste caso, Gravidez e Maternidade na vida da mulher, são de suma importância, daí ser necessária a devida atenção a essa realidade, que seja feita levantamentos, análises, das causas que dificultam a permanência das mulheres na Universidade, que vivenciam essas questões, dando assim maior amparo legal, educacional, pedagógico, emocional, afetivo a essas discentes.

#### **2.4 – Políticas Públicas: permanência da mulher estudante e mãe.**

Conquistar seu lugar nas universidades foi algo imensurável para as mulheres, dada à condição inferiorizada que estas tinham como não sujeitas de direito na sociedade. Mas com a crescente presença feminina no contexto acadêmico, fez-se necessário discutir medidas que atendessem as especificidades deste público em específico.

Desta feita, lutas de graduandos, na luta por equidade no Ensino Superior geraram algumas conquistas, que por sua vez, favoreceram a implementação de políticas públicas, pensadas com a finalidade de garantir a igualdade de direitos com capacidade de promover a permanência dos discentes. Segundo Souza (2006) o surgimento as políticas públicas se deu:

[...] na Europa, a área de política pública vai surgir como um desdobramento dos trabalhos baseados em teorias explicativas sobre o papel do Estado e de uma das mais importantes instituições do Estado - o governo -, produtor, por excelência, de políticas públicas. Nos EUA, ao contrário, a área surge no mundo acadêmico sem estabelecer relações com as bases teóricas sobre o papel do Estado, passando direto para a ênfase nos estudos sobre a ação dos governos (Souza, 2006: 22).

Em outras palavras, o surgimento de políticas públicas tem como princípio, minimizar as desigualdades entre os sujeitos, então buscamos essa garantia no caso brasileiro, neste caso em particular, nas universidades.

No Brasil, a lei que garante os direitos da estudante grávida é a de Nº 6.202, a qual foi sancionada em 17 de abril de 1975, que confere à estudante em estado de gestação ou puerpério, o regime de exercícios domiciliares, estabelecido pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969 (BRASIL, 1975).

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA faz saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969.

Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola.

Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto.

Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Criado por decreto- lei (DL 1044/69), inicialmente era direcionado para os casos de pessoas doentes por um longo período, ficando desse modo impossibilitadas de ir à escola, desta feita, o exercício domiciliar foi estendido às estudantes grávidas em 1975. Vale ressaltar, que a referida lei quando criada, foi direcionada aos estudantes da educação básica, pois no período de sua criação e publicação, as mulheres ainda eram minoria nas universidades.

Atualmente, no Congresso Nacional, novos debates têm sido feitos entorno da temática maternidade e sua conciliação com os estudos universitários. O projeto de lei (PCL 12/ 2018) referente ao período de afastamento das grávidas que são estudantes, já aprovado pela câmara dos deputados, ainda está sendo discutido pelo Senado.

De iniciativa do deputado Jean Willys, o projeto obteve aprovação do parecer na Comissão de Assuntos Sociais do Senado (CAS). O documento prevê a ampliação

deste período para até os seis meses de afastamento, tendo início a partir do oitavo mês de gestação, ao quinto mês pós-parto. Porém, para o relator na CAS, o senador Eduardo Amorim, a ampliação do referido período deve para isto estar vinculada à amamentação, conforme trecho do projeto.

Altera a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, que atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para assegurar os direitos educacionais às mulheres gestantes, em estado de puerpério e lactantes. O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º O arts. 1º e 2º da Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e até seis meses após o nascimento da criança, a estudante, de qualquer nível ou modalidade de ensino, em estado de gravidez, puerpério ou lactação em livre demanda, fica assistida pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969.

§ 1º O início e o fim do período de afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da instituição de ensino.

§ 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante laudo médico, poderá ser aumentado, antes e depois do parto, o período de repouso, incluída a estudante no regime de exercícios domiciliares. (BRASIL, 2018)

A proposta aprovada garante a estudante incluída neste regime, o direito de acompanhamento pedagógico adequado; com cronograma e plano de trabalhos específicos; utilizando ferramentas pedagógicas como educação à distância para a realização das tarefas e esclarecimentos. Igualmente para as alunas bolsistas, o texto do referido projeto assegura o recebimento da bolsa de estudos durante o período da licença.

Portanto, como maioria nas universidades, as mulheres demandam garantia de direitos, de um olhar especial, pois muitas necessitam conciliar a vida acadêmica com outras demandas executadas, entre estas as tarefas no âmbito privado de mãe; e dona de casa; que não são devidamente reconhecidas, por uma sociedade machista e patriarcal. E, muitas vezes o trabalho nos espaços públicos, remunerados.

Desta feita, pensar em políticas voltadas para estudantes universitárias mães, é garantir direitos, que historicamente lhes foi negado estas, pois apesar da árdua

tarefa do exercício dos múltiplos papéis, lhes seja garantido o direito de acessar e permanecer na graduação, sem ser obrigada a fazer a escolha entre graduação e maternidade, podendo assim conciliar ambos papéis, com garantia de direitos, e sem maiores prejuízos nos estudos e na vida pessoal.

## **2.5 - A importância da creche na universidade.**

Dando seguimento ao debate acerca das garantias de direito das mulheres, no Ensino Superior anteriormente discutido, importante refletir acerca do momento em que aquela estudante, que ficou grávida, que ao parir, encontrou-se amparada pelo Regime de Exercício Domiciliar, enquanto direito garantido, de acordo com o Regulamento do Ensino de Graduação da UFPA, retorna a vida acadêmica na universidade.

Nesse sentido, inicia-se um tempo de angústia e incerteza, para muitas destas graduandas, surgindo inúmeros questionamentos, como por exemplo, quem vai cuidar do bebê enquanto eu estudo? Será que ficará bem aos cuidados de outra pessoa, e tão precocemente longe de mim?

Para muitas estudantes, fica a difícil tarefa da escolha de continuar os estudos ou trancar o curso por um período, pelo fato de não haver quem possa cuidar do bebê, ainda tão dependente da mãe. Enquanto para outras estudantes universitárias mães, a alternativa é levar seu bebê para a sala de aula, já que a maioria das universidades não dispõe para essas estudantes, a creche para deixar seus bebês.

Desta feita, as creches constituem-se um espaço importante no amparo das mães estudantes, seja para aquelas que tornaram-se mães, no decorrer da graduação ou para aquelas que ingressaram no ensino superior com filho. Neste sentido, na sequência dialogamos sobre a importância da creche na universidade, tanto no aspecto da garantia de direitos, quanto da assistência estudantil, quanto do ensino, pesquisa e extensão.

Sebastiani(1996), considera que ser campo de pesquisa é uma fator de qualidade da área da educação infantil, pois:

A creche, por ser uma instituição relativamente recente, ainda necessita de informações e de aprofundamento. Mas podemos dizer que é uma instituição

que produz cultura e que se constitui um campo privilegiado de pesquisa para estudiosos das ciências sociais e, em especial, do desenvolvimento infantil. É essa inter-relação das ciências que permite o enriquecimento e a melhoria dos serviços, uma vez que é capaz de fornecer instrumentos de análise e pontos de referência para a inovação e a avaliação das estruturas e da organização da creche. (SEBASTIANE,1996 p.70)

A cerca das creches nas universidades federais, estas são resultado de luta intensa na década de 1970, apoiada pelos movimentos sociais e por mulheres trabalhadoras de empresas públicas e privadas, juntamente com sindicatos, que reivindicavam o atendimento de crianças de 0 a 6 anos. Assim, este período de luta pela creche, na qual era evocada a legislação trabalhista em vigência.

Importante lembrar que, no dia 1º de maio de 1943, teria sido aprovado por meio do um Decreto-Lei de nº 5.452, no qual foram aprovadas e consolidadas as leis do trabalho (CLT), emitindo normas acerca da criação de salas de amamentação nos locais de trabalho, além de outras leis vigor neste período em que os movimentos sociais e feministas requeriam creche para a mulher trabalhadora.

Para Fagundes (1997), a lei não considera o direito à creche, apenas o direito da trabalhadora amamentar seu filho, no decorrer da sua jornada de trabalho, o que segundo ele:

[...] Ainda assim é um direito apenas da mulher, mas restrito, pois não são todas as mulheres que têm esse direito, mas aquelas que tem idade entre 16 e 40 anos e trabalham em empresas cujo o número de funcionárias atinge o mínimo estipulado por lei (30mulheres), e somente as que amamentam.[...]  
(1997, p.77)

A partir destas reivindicações, e apoiada por mecanismos legais, como o Decreto- Lei nº 5.452, às comunidades universitárias iniciaram a batalha, pela creche na universidade.

A história das creches foi marcada por movimentos populares e feministas da época. De acordo com Rosenberg (1998), foi com a organização dos empregados das empresas tanto de empresas públicas quanto privadas que reuniu informações acerca das necessidades, e a partir disto foram criados projetos analisaram-se os custos, e obtém-se junto à direção a instalação de creches.

Assim, foi conquistada a primeira creche em uma Universidade Federal no Brasil, a creche Francesca Zacaro Faraco, criada em 19 de maio 1972. Por meio das reivindicações universitárias, mais unidades foram sendo implantadas.

Atualmente as creches estão previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei de nº 9394/96, que em seu artigo 4º dispõe acerca da gratuidade da oferta e atendimento em creches e pré-escolas.

No Brasil, algumas instituições de Ensino Superior são referência quando o assunto é a creche na Universidade, como por exemplo, a Universidade Federal da Bahia, a qual foi conquistada em desde 1983, uma creche que tem como principal objetivo atender a demanda de estudantes e funcionários da instituição. São atendidas pela creche crianças de quatro (04) meses a três (03) anos e onze (11) meses.

Todavia, é sabido que a grande maioria das Universidades Federais não dispõe deste espaço, e o mesmo parece não ser um assunto relevante, e motivo de discussão nas próprias instituições, deixando escapar um valioso objeto de observação e pesquisa. Neste aspecto Barbour; Bersani, (1991) consideram que:

Os centros de cuidados de crianças na universidade têm potencial para se transformar em escolas de desenvolvimento de profissional para a universidade. É a consolidação de um espaço que serve não apenas para demonstrar práticas, mas também para unir os professores de salas e os alunos da universidade em uma parceria que poderá afetar o desenvolvimento da educação, tanto para as crianças de hoje, quanto para os professores de amanhã. (BARBOUR; BERSANI p.45-46)

Desta maneira, as questões acerca da garantia de direitos para as mães, bem como, assistência estudantil e a creche universitária têm ganhado maior força com o movimento estudantil. A luta por garantia de direitos, por políticas públicas que respeitem as mães nas universidades é um tema frequente nos debates dos Centros Acadêmicos, dos Fóruns de estudantes dentre os quais a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Acerca deste tema recentemente a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, aprovou a proposição que dá permissão para que as Universidades Federais em que haja a oferta de cursos para a formação de professores da educação infantil, disponibilizar a creche para crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos.

A proposta aprovada é da relatora e Professora Dorinha Seabra Rezende, Esta fará substituição a PL 7187, do deputado Pedro Cunha Lima, este em seu projeto propunha a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) para determinar que cada campus federal a ser criado tenha creche.

A relatora Dorinha Seabra, perpetrou alterações no texto do projeto de Pedro Cunha Lima, deste modo, com a mudança feita pela relatora, foi feita remoção da obrigatoriedade da creche para as novas universidades a serem criadas, passando então disposição da creche nas Universidades Federais a ser uma possibilidade, e não mais uma obrigação. As alterações feita por Dorinha Seabra, também trazem a possibilidade de creche aos campi universitários que já existam.

O substitutivo da deputada também prevê parceria entre União e município, ficando a construção a cargo da União, e funcionamento e custos com recursos materiais e pessoas seria incumbência do município.

A relatora ressalta ainda que é preciso considerar que nos termos da Constituição Federal, a oferta da educação infantil é responsabilidade dos municípios.

Deste modo, sendo possível dar forma a esta proposta em regime de colaboração, o que também a Constituição prevê para a educação básica.

A proposta esta em fase de conclusão, devendo ainda ser analisada pelas comissões de Finanças, Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Por sua vez, as discussões acerca da creche na universidade precisam estar mais presentes nos debates da academia, pois trata-se de grande relevância no que tange tanto o aspecto educacional quanto o social, conforme cita Fagundes (1997):

“[...] embora haja uma produção significativa acerca do tema creche, praticamente inexitem pesquisas que tratem especificamente no local de trabalho e, em particular nas universidades públicas.” (FAGUNDES, 1997, p.4)

Portanto, as creches nas universidades públicas, constituem-se um campo privilegiado para o desenvolvimento do ensino, e práticas docentes, como também a pesquisa e extensão oportunizam as famílias carentes do entorno do campus o acesso a creche, além de promover um maior conhecimento acerca da temática tão pouco discutida.

### SEÇÃO III – PERCURSO METODOLÓGICO

Para que se produza conhecimento científico, se faz necessário definir anteriormente os instrumentos metodológicos que vão compor a produção do trabalho, norteando todo seu percurso metodológico. Neste caso, o Trabalho de Conclusão de Curso.

Para este trabalho foi definida a pesquisa de abordagem qualitativa, a ser operacionalizada, segundo as orientações do movimento do enfoque qualitativo tratando do problema em si, ou seja, os desafios que as universitárias mães enfrentam na UFPA/Campus Universitário de Castanhal.

Acreditamos que, a pesquisa qualitativa condiz com a realização da pesquisa, esta situada no campo das ciências humanas e sociais. A referida investigação realizada partindo de levantamento bibliográfico e trabalho de campo, no qual os instrumentos de coleta de dados foram: uma entrevista semiestruturada, com cinco graduandas, e formulário enviado as Faculdades, a fim de coletar dados, que posteriormente foram analisados.

Na abordagem qualitativa, a investigadora tem contato direto com o ambiente e objeto de estudo, o que permite ter uma visão ampla do objeto, o qual se pretende pesquisar, levando em conta a realidade dos sujeitos, bem como seu contexto histórico e social. De acordo com Minayo (1995),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (1995 p.21-22)

A caracteriza-se pela observação dos fatos e/ou fenômenos na forma em que ocorrem, assim a pesquisadora tem contato direto com a realidade que se pretende estudar. Segundo Severino,

Na pesquisa de campo a fonte/objeto é abordado em seu próprio ambiente. Os dados são coletados são obtidos nas condições naturais de ocorrência do fenômeno. Desta forma diretamente observados, sem interferência e manejo do pesquisador. Compreende desde os levantamentos (*Surveys*) estes sendo os mais descritivos, te estudos analíticos. (2007, p.122)

A produção dos dados da pesquisa em questão serão elaborados com base na entrevista semiestruturada, tendo como característica questões predefinidas, mas sendo flexíveis permitem explorar questões que venham a surgir no decorrer de sua realização. Para Manzini(1990),

A entrevista semiestruturada esta focalizada sobre um assunto o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementada por outras questões inerentes às questões momentâneas da entrevista.(1990,p.154)

A tabela abaixo revela o perfil das mulheres, ou seja, das sujeitas participantes da pesquisa, as quais se tratam de estudantes universitárias, que no decorrer da graduação tornaram-se mães, pela primeira ou segunda vez. Nesse sentido desvelamos as jovens graduandas. Assim a tabela retrata o quantitativo de 05 (cinco) mulheres com idades entre 19 e 26 anos, e número de filhos.

Nº	NOME	IDADE	CURSO	FILHOS
01	MARGARIDA	20	LETRAS/ LINGUA PORTUGUESA	02
02	GIRASSOL	25	LETRAS/ LINGUA PORTUGUESA	01
03	HORTÊNCIA	19	PEDAGOGIA	02
04	LÍRIO	26	PEDAGOGIA	02
05	ORQUIDIA	20	ED. FÍSICA	01

Inserese com o propósito de apresentar de forma sintética, os dados que caracterizam as participantes da pesquisa, que foram entrevistadas, sendo todas graduandas da UFPA Campus Castanhal, de diferentes cursos de graduação. Importante esclarecer, que com a finalidade de preservar a identidade das discentes, as identificaremos por nomes de flores bastante conhecidas, tais como: **Margarida; Girassol; Hortência; Lírio; e Orquídea.** Justifica-se a escolha destas por sua beleza e características únicas e inconfundíveis.

Para início de conversa os dados revelaram ser, a maioria das entrevistadas, mulheres casadas e/ou que mantém união estável com o pai da criança. Nesse sentido, duas das cinco estudantes, no momento da entrevista, estavam solteiras e moravam com os pais – avós da criança. Outro dado, diz respeito ao fato da gravidez de todas as entrevistadas enquanto discentes do Ensino Superior, não aconteceu de forma planejada, mesmo para aquelas que eram casadas ou tinham união estável.

Contudo, outro dado diz respeito ao fato de que todas as entrevistadas afirmaram que suas respectivas famílias apoiaram a gravidez, independente do estado civil das mesmas, e do impacto de uma gravidez não planejada, e aliada à condição de estudante universitária.

Nesta sessão trataremos dos dados coletados com as cinco graduandas entrevistadas as questões abordadas estão presentes no contexto maternidade e vida acadêmica, os questionamentos tinham o propósito de investigar e compreender os desafios enfrentados por estas estudantes universitárias mães no âmbito da Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário de Castanhal.

## SEÇÃO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta sessão será feita a análise dos dados da pesquisa, referente à entrevista semiestruturada, realizada com 5 universitárias mães da UFPA Campus Castanhal. Esta será feita a partir de perguntas selecionadas do roteiro da entrevista.

### 4.1- O CONCEITO DE MATERNIDADE PARA AS GRADUANDAS

A compreensão acerca da maternidade passou varias modificações a partir dos diferentes contextos históricos. Desse modo a maternidade nem sempre foi vista como algo natural. Hoje ela é vista como algo intrínseco e indissociável da mulher, portanto estando toda e qualquer pronta para o exercício da maternagem. A partir disto, buscamos inicialmente compreender qual o conceito que estas jovens graduandas e mães têm acerca da maternidade. Desse modo, fez-se um recorte dos trechos relativos ao conceito que estas graduandas têm de maternidade.

A partir do questionamento citado anteriormente, **Margarida, Lírio e Orquídea** relataram que a maternidade:

“É uma responsabilidade e tanto, né?! Maternidade eu acho que é cuidar de alguém, cuidar de um ser... [...] ser mãe é tá disposta a viver pra esse ser, se entregar totalmente a ele.” (Margarida)

[...] amor, muito amor, muito esforço, dedicação. E eu acho que apalavra responsabilidade é bem forte sabe, porque tu ta formando um ser humano, [...] Ser mãe é amar incondicionalmente, sem esperar nada em troca, acho que é isso.” (Lírio)

“Pra mim a maternidade, ela se resume primeiramente em amor. Mas embora seja tudo lindo nela há dificuldade, há cansaço, e muito aprendizado, [...] Então a maternidade Pra mim se resumi a isso. Ser mãe é doar-se literalmente a um ser, é ser guerreira, enfrentar tudo por nossos filhos. [...] Um amor incondicional, [...]” (Orquídea)

Podemos perceber nas falas de *Margarida, Lírio, e Orquídea*, que estas compreendem a maternidade como uma grande responsabilidade. Segundo elas, a maternidade é doação, dedicar-se totalmente a um ser, viver em função deste. Dedicção esta, que socialmente está arraigada à figura da mãe. Porém, qualquer pessoa, pode “maternar” uma criança, o cumprimento dos deveres maternos não está vinculado unicamente ao amor, mas a todo um conjunto de valores sociais ou de cunho religioso, que podem estimular tanto quanto o desejo da mãe (Badinter, 1985).

A autora assinala o fato de que a dedicação da mulher ao papel materno deve-se bem mais a um arranjo social e cultural, do que a capacidade de dar à luz e amamentar uma criança.

Entretanto, na fala de **Girassol** percebemos que o seu conceito de maternidade ainda está em construção, buscando entender a maternidade, e encontrar-se enquanto mãe, conforme relata a seguir:

“[...] a maternidade, eu vim... tentar entender depois que a minha filha nasceu. Mesmo enquanto ela tava na minha barriga, mesmo enquanto eu gerei esses nove meses, pra mim eu não tava ainda preparada pra isso [...] Ai... [...], digamos assim, que até agora ainda não encontrei assim se eu sou mãe, se eu sei ser mãe... [...] Eu vejo... eu vivo me comparando com as outras, eu vivo... nossa! A fulana, Ela se da tão bem com a filha dela, nossa! Ela conseguiu fazer ela dormir embalando na rede, nossa! Olha como ela fica quietinha. E sabe, eu não me vejo, eu não consigo ser assim.[..]” (girassol)

O conceito de maternidade no dizer **Girassol**, se contrapõe ao das graduandas anteriores, que de certa forma apresentam um discurso “romântico” sobre a maternidade e amor de materno. Ao discorrer sobre a maternidade **Girassol**, diz não se sentir preparada para a maternidade, não se encontrando enquanto mãe. O que está em consonância com Badinter (1985) que considera que o amor materno não é um sentimento intrínseco à mulher, mas um sentimento que é construído.

No discurso de **Hortência**, ser mãe é um processo de construção, a qual depende de fatores pessoais e sociais. Ainda segundo ela nem toda mulher nasceu para ser mãe, conforme relato abaixo:

“[...] eu penso assim... Que ser mãe é uma construção, uma construção tanto social quanto pessoal, então... eu penso que não é fácil! Então, nem toda mulher que tem filhos, entre aspas podemos dizer assim... “nasceu pra ser mãe”. Porque ela precisa se construir mãe e a gente se constrói na convivência,[...] É difícil, é uma construção. [...] eu posso dizer que eu ainda estou me construindo mãe, e eu vejo olhando para outras mulheres que têm filhos e abandonam, de certa forma é uma maternidade que ainda não foi amadurecida, não está preparada e talvez nunca esteja também,[...]”(Hortência)

**Hortência** considera estar em processo de construção enquanto mãe, o que para ela não é algo fácil. Desta feita seu discurso está em conformidade com o que expõe (Badinter 1985; Chodorow 2002) ao afirmar que o amor materno e a

maternidade, são criações sociais, e que este entendimento não é inerente a condição feminina, mas fruto de uma construção social.

Após esta breve análise, foi possível perceber nos discursos das graduandas a predominância de uma visão romântica da maternidade. Apenas duas das entrevistadas mostraram através de suas falas uma análise contrária a essa condição romantizada da maternidade, posicionando-se de maneira crítica sobre esta questão, trazendo questionamentos a cerca da maternidade e seu papel de mãe, tanto no campo pessoal quanto social, desnaturalizando o ideal de maternidade.

#### 4.2 - SER MÃE E GRADUANDA

Ser estudante universitária é um grande desafio, pois demanda de muita dedicação, esforço, tempo de estudo e quando se é mãe esses desafios são potencializados, pois aliar as demandas da universidade com as exigências da maternidade não é para qualquer pessoa.

Durante a realização das entrevistas, questionamos as participantes em “como é ser mãe e graduanda concomitante”, a partir de então fez-se um recorte dos trechos relativos à condição de mãe e graduanda e em como estas estudantes/mães percebem esta condição enquanto universitárias e mães no âmbito da Universidade Federal do Pará.

Diante do questionamento citado anteriormente, **Margarida e Girassol** ressaltam suas experiências:

“É ser super herói! É viver na correria. É saber que tu tem horário pra tudo! Que tu não pode passar um minuto daquele horário se não tu perde tudo. Tanto ônibus, quanto estudar. Se tem que ta aqui oito (8) horas tem que levantar seis (6). Balancear, colocar as duas coisas assim, e conseguir é difícil, bem.. difícil.” (Margarida)

[...] É uma coisa assim que... Sei lá, admiro muito quem tenha conseguido. Mas eu ainda não conheci alguém que diga... ah, foi tranquilo, foi maravilhoso. É uma estrada árdua, porque a mãe não é só mãe, ela é mãe, dona de casa, se ela ta estudando, e tem os trabalhos pra fazer, ai então quando a mãe ainda tem um trabalho?! Então, tu tentar equilibrar essas duas coisas não é fácil... não é fácil. É uma tarefa árdua.” (Girassol)

Na fala **de Margarida e Girassol** podemos identificar a presença de elementos do cotidiano das discentes, e como este cotidiano se dá a partir da

perspectiva de estudante universitária e mãe. De acordo com **Margarida**, é necessário estar atenta aos horários para o cumprimento de sua jornada de mãe e universitária.

Para **Girassol**, é uma tarefa árdua, pois mãe não é somente mãe. Junto a condição de ser mãe, está a de dona de casa, e se é estudante, tem trabalhos a fazer, e ainda tem trabalho remunerado.

Conforme aponta Vasconcelos (2009, apud Bitencourt, 2013, p.88) “[...] mesmo estando na educação superior [...], a mulher ainda se sente responsabilizada pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, reproduzindo muitas vezes, a esfera privada como um espaço “naturalmente seu”.

#### Já no dizer de **Lírio e Orquídea**:

“[...] Foi o maior desafio da minha vida, tá sendo o maior, porque... É muito difícil! Eu fico... não sei se acontece com as outras mães acontece, que tipo ser mãe e graduanda ao mesmo tempo, a gente nem é mãe direito e nem graduanda direito, [...] Por exemplo quando eu chego da faculdade eu não vou fazer meus trabalhos, porque é um tempo que eu quero com eles, e aí acabo me sugando muito, porque faço os meus trabalhos depois da meia noite, que é o horário que eles tão dormindo. Então ser mãe e graduanda foi muito difícil, é muito difícil conciliar.” (Lírio).

“[...] é bem... Difícil! Muito difícil mesmo. Porque a gente tem que conciliar filho, casa, ainda mais se tu fores casada enfim... Então é muito difícil porque a tua atenção tem que ser voltada vinte e quatro horas pro teu filho, principalmente quando ele é mais novo.[...] , na minha situação foi bem difícil mesmo, porque eu tinha que ir e vim todo dia de Belém pra castanhal, e eu voltei a estudar meu filho tinha um mês, eu chegava em casa de noite e não dormia a noite toda, e aí era bem complicada eu ter pique pra estudar, porque eu ficava com muito sono, eu não me concentrava nas aulas[...].” (Orquídea).

Sabe-se que vida acadêmica requer dedicação dos sujeitos que nela estão inseridos, portanto sendo bastante difícil dedicar-se integralmente a dois eventos ao mesmo tempo, conforme destaca (Coulon, 2009; Sampaio 2008) para ter sucesso na vida acadêmica os que nela ingressarem devem se tornar procedentes dessa nova cultura, o que exige tempo e dedicação.

#### No dizer de **Hortência**:

“[...] foi muito difícil. Eu entrei na faculdade de Pedagogia eu já estava grávida, seis meses de gravidez. Sai do ensino médio e entrei na universidade então, toda aquela mentalidade do ensino médio, de adolescente, e ser mãe ao mesmo tempo foi muito difícil, foi um choque que a

gente tem ter, uma revolução de mentalidade, transformar a mentalidade da gente pro ensino superior, foi muito difícil.” (Hortência)

Na fala de **Hortência**, ela menciona a transição de uma adolescente estudante do ensino médio, para o *status* de universitária e mãe concomitante a sua entrada na universidade. E como estes eventos a levaram a uma mudança de mentalidade. De acordo com Sampaio (2008) o ingresso na vida universitária ocorre ao mesmo tempo em que uma série de processos referentes à passagem do jovem para a vida adulta.

Desta feita, nas falas de todas graduandas é possível perceber o quanto é difícil para estas a conciliação destes papéis. Ser estudante universitária e mãe concomitante é bastante desgastante, já que para estas as demandas requeridas pela maternidade não podem ser

#### 4.3- O DESEMPENHO NOS ESTUDOS

Aliar maternidade e os estudos acadêmicos, não se constitui tarefa fácil, dada as responsabilidades que estas demandas exigem. A chegada de um filho, e a necessidade de dedicar-se a esse ser, suprime o tempo dedicado aos estudos, podendo desta forma refletir negativamente no rendimento destas mães, e conseqüentemente na sua formação acadêmica. Com a finalidade de compreender este movimento entre estudos e a maternidade, questionamos as entrevistadas sobre como é ser mãe e graduanda com relação aos estudos. Diante deste questionamento

**Margarida** relata:

“Eu pensei que não ia conseguir... conciliar as duas coisas. Pensei que ser mãe e graduanda não ia dá. Mas consegui! To conseguindo [...] Fazer as leituras dos livros, textos... e complicado! Você tem prazos, tem que ler e a criança não dorme... é bem difícil! (Margarida)

Em sua fala, Margarida revela que pensou não ser capaz de conciliar as duas coisas, mas apesar disto conseguiu. Ressalta que estar em dia com as leituras, resenhas etc. é bastante complicado, pois existem prazos a cumprir. Podemos inferir

que a mesma espera que a criança adormeça para assim tentar cumprir com essas demandas.

Para **Girassol**, as implicações da relação maternidade e estudos acadêmicos, foram uma baixa em seus rendimentos, e conseqüentemente a reprovação conforme descreve a seguir:

“Meu desempenho caiu! Automaticamente. Quando eu soube que tava grávida [...] já tinha um monte de trabalho pra apresentar, eu perdi três trabalhos, eu reprovei numa disciplina, em um mês perdi várias atividades porque eu perdi o chão [...] porque eu sabia o que eu ia enfrentar no futuro, não era aquele momento de agora, não era só os nove meses de barriga, eu tava preocupada com o que eu ia vê mais à frente. Aí reprovei em uma disciplina e fui decaindo. Enquanto estava gestando eu vim para as aulas. Teve professores que disseram pra mim: “O que tá te acontecendo? Tu só tá grávida, tu não tá doente! Para com isso, tu não era assim.” eu tentei me restaurar mas não teve jeito abalou meu psicológico na hora, e meu desempenho então..( Girassol)

No dizer de **Girassol** a queda no desempenho começou ainda durante a gestação, a notícia da gravidez abalou seu psicológico, o que provocou uma baixa em seu rendimento.

O mesmo podemos perceber na fala de **Hortência**, ao discorrer de seu rendimento.

“[...], no primeiro semestre eu tive vários regulares. Teve uma disciplina que o professor não compreendeu minha situação, me deu insuficiente em todas as avaliações, sorte que somando se transformou num regular. [...] em sala ele pareceu super compreensivo, mas quando fiz os trabalhos a distância, ele simplesmente corrigiu como se eu não tivesse filho nenhum, nenhuma demanda a mais, e era o primeiro semestre, então eu não sabia por onde ia né!?, Então o insuficiente acabou virando um regular, tive um baixo rendimento. [...]” (Hortência)

**Hortência** comenta sobre o fato de estar no primeiro semestre na ocasião da gravidez, por isso afirma “não saber por onde ir,” ou seja, ainda estava adaptando-se as demandas da universidade. Pois a entrada na universidade traz consigo um processo de transição. O *status* de universitário não é alcançado rapidamente, e sim a partir de diversos aprendizados, como enfrentamento de circunstâncias institucionais e pessoais. (COULON, 2008).

### No dizer de **Lírio**:

[...] tudo ficou mais puxado, o aproveitamento das aulas, o rendimento caiu. Produzir ficou bem mais difícil, são duas coisas que exigem bastante de você. Ainda mais no meu caso, que já tinha um quando entrei, agora são dois, além de cuidar da casa. As leituras e trabalhos só na madrugada, aí você já está muito cansada. Os trabalhos, se não fosse a ajuda de colegas muitas vezes... Foi bem difícil no começo. (Lírio)

Na fala de **Lírio**, assim como nas falas de **Girassol** e **Hortência** podemos verificar o reflexo direto sobre seu desempenho. A responsabilidade de cuidar dos dois filhos, dos afazeres do lar, faz com que **Lírio** se dedique as demandas da universidade nas madrugadas, pois as demandas da universidade não são deixadas para trás quando as universitárias mães voltam para casa, do contrário, elas fazem parte do dia a dia destas estudantes, e chocam com as responsabilidades com o filho. A condição de dedicar-se as demandas universitárias apenas nas madrugadas, associado ao cansaço de conciliar maternidade e vida acadêmica compromete o aproveitamento nos estudos.

Para algumas graduandas as requisições são um tanto quanto maiores, quanto a sua permanência na universidade (Campus), por motivo do seu curso de graduação ser ofertado em formato integral, como assevera **Orquídea**:

“[...] Devido ao meu curso ser integral, eu tinha que ter a minha atenção voltada também no caso ao curso, Porque eu passava o dia na faculdade, e tinha muito trabalho, os professores passavam trabalhos em cima de trabalho e muitas vezes eu não conseguia fazer [...], por conta do neném, [...] Era difícil ir pra aula, as vezes eu faltava muito, não tinha como ficar o dia todo na faculdade por conta dele que mamava, eu tinha que me esforçar pra deixar leite pra ele. Então, esse meu curso sempre foi muito puxado, e ele continua sendo por ser integral. [...] (Orquídea)

**Orquídea** relata não conseguir cumprir todas as demandas de atividades do curso, por conta de seu bebê, assim como também sua frequência nas aulas foi afetada. A exigência de um maior período no campus ficou comprometida, por ter que amamentar o filho.

Podemos concluir que a responsabilidade de cuidar dos filhos diminui o tempo dedicado aos estudos, assim ficando sua produtividade acadêmica comprometida, pois as acadêmicas são as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos. No entanto para Tabak (2002), as mulheres com filhos não necessariamente produzem

menos. Mas pode representar uma baixa na produção acadêmica por um tempo. Desta forma podendo provocar prejuízos a sua formação acadêmica.

#### 4.4- A POSSIBILIDADE DO TRANCAMENTO/ABANDONO.

Diante de tantos desafios enfrentados neste contexto, é de se esperar que em algum momento estas universitárias mães pensem em desistir, ou pelo menos trancar a graduação por um tempo. Ao perguntar a cerca dessa possibilidade supracitada **Margarida** relata:

“[...] pensei bastante! Eu pensei desde quando já tava na reta final da gravidez, e também quando tive que voltar. No final, porque eu já não aguentava mais vim, já tava cansada, e essa vida de ônibus... E era muito trabalho, muita disciplina, eu pensei em desistir. Aí teve o apoio da turma e dos professores dizendo: “não desiste! “Já ta no final.”

**Margarida**, afirma ter pensado nesta possibilidade, especialmente no final de sua gravidez e no momento em que precisou voltar. Quando já no final de sua gravidez, senti-se bastante cansada. Comenta ainda a questão do transporte, o ônibus, permitido inferir que fazer este movimento diário era bastante desgastante para ela, provavelmente por conta de sua condição física decorrente da gestação. O que também é mencionado por **Girassol**.

“Sim! Logo no início da gravidez, porque as pressões físicas em mim tavam maior, tava muito cansada fisicamente.”

Já para **Hortência**, essa questão surgiu após o nascimento de seu bebê, pois a acadêmica precisou levar sua filha para a universidade, ficando com ela na sala de aula.

“Pensei, depois do professor falar pra mim sair da sala com a minha bebê, pois ela estava chorando. Ai eu pensei.. não, realmente eu tô atrapalhando a aprendizagem dos outros, então eu poderia sair, trancar depois voltar. Mas duas coisas me fez desistir, primeiro eu não tinha um ano, então era desistir ou nada, trancar eu não podia, e segundo foi a questão de... aquele foi o único professor que falou isso, então eu deveria considerar os outros que já tinham me ajudado, os amigos, a turma. Aí eu ia desistir, eu ia ser fraca, [...]

E também um futuro pra minha filha, eu ainda não tinha a outra filha, então pensava muito nela, esse estudo é pra ela, eu vou me formar e vou da uma vida melhor.”

Na fala de **Hortência**, percebemos que o possível trancamento dos estudos, se deu pelo fato de precisar levar a filha para a universidade e viver situações constrangedoras, como na circunstancia em que a mesma foi pedida pra se retirar da sala com a filha que chorava. De acordo com Bitencourt (2017) a universidade nunca foi um lugar para crianças, pouco se discute a necessidade de creche nas universidades, tanto para servidores quanto para as discentes com filho pequeno, mas repensou a questão e concluiu não ser a melhor alternativa. Além de levar em único professor. Para ela desistir seria uma demonstração de fraqueza. Conta que também pensou na filha que tinha na ocasião, e no futuro dela, vendo em sua formação a oportunidade de oferecer uma vida melhor a ela.

#### No dizer de **Lírio**:

“Em muitos momentos! Em muitos momentos mesmo... [...] Pelo fato de me sentir muito cansada, exausta, extrapolada. Eu pensava que não ia conseguir, como até hoje eu ainda penso, mesmo tendo só o TCC pra fazer, mas eu ainda penso, devido a tantas dificuldades, tantos desafios.”

Para **Lírio**, esta foi uma questão frequentemente pensada por ela como percebemos em seu discurso, mencionando o grande cansaço que sentia. Pensava que não conseguiria prosseguir com estas duas demandas. Diz que está sensação ainda está presente mesmo já estando prestes a concluir a graduação.

#### No dizer de **Orquídea**:

Sim! No começo eu... Pensei muito em trancar, [...] quando soube que tava gestante eu fiquei desesperada, fiquei... Meu Deus, como é que vou continuar sabendo que meu curso é integral, e eu morava pra Belém.[...] mas dei continuidade, aí quando tive o neném aí que pensei mais ainda em trancar, por essa dificuldade que seria em ter que ir e voltar todo dia. [...] e muitas vezes tava cansada, não dormia a noite toda e tinha que no outro dia acordar entre aspas, que eu nem dormia, pra ir pra aula cedo. Então tudo isso foi me desmotivando, mas com apoio dos meus amigos, da minha família eu tirei esse pensamento e falei, não! Não vou! Vou continuar,[...]

Para **Orquídea**, também não foi diferente, mas devemos considerar seu caso um tanto mais complicado, pelo fato de seu curso ser integral, e precisar se deslocar diariamente entre duas cidades. Assevera que o apoio dos amigos e da família foi crucial para que não desistisse. Após uma breve análise destas falas, podemos concluir que o trancamento e/ou o possível abandono da graduação foi um pensamento comum a todas as acadêmicas. Porém o apoio de amigos, familiares, e a preocupação com seu futuro e de seus filhos foram determinantes para sua continuidade na academia apesar dos desafios enfrentados.

#### 4.5- REDE DE APOIO ÀS GRADUANDAS.

Para esta seção buscou-se fazer uma análise acerca do apoio que a graduandas receberam de pessoas próximas, ou de sua família a partir da perspectiva de ser estudante universitária e mãe.

No dizer de **Margarida**:

“A minha família foi a base de tudo. Eu acho que sem eles [...], eu não tinha conseguido, porque se não fosse eles eu não vinha. Ficam com as meninas pra eu poder estudar. A família ajudou e vem ajudando bastante.”(Margarida)

Para a graduanda o apoio da família foi fundamental para sua permanência, e êxito nos estudos. A família da universitária é a principal via de apoio, cuidando das crianças para que assim pudesse ir à faculdade, e frequentar as aulas.

**Girassol**:

“A minha família, a minha mãe, foi cem por cento e ainda é, claro! Meu pai me ajuda muito com o financeiro, [...] das minhas apostilas, do meu transporte pra vim pra cá meu pai se preocupa todo dia se eu tenho dinheiro pra ir pra UFPA. Porque agora eu não moro mais com eles, eu moro com meu marido[...].” (**Girassol**)

Na fala de **Girassol**, tem destaque o apoio materno, ao afirmar que esta foi cem por cento. A figura do pai também surge como aquele que dá a graduanda o suporte financeiro, relativo às despesas do curso e locomoção. Mesmo já não residindo com os pais, esse apoio é de suma importância em sua trajetória acadêmica.

### No dizer de **Hortência e Orquídea**:

“A minha família me ajudou muito [...], continua me ajudando. A minha mãe, trabalhava no turno da tarde, o turno que eu estudo, [...] Então, ela escolheu trocar com uma amiga da manhã, pra ela poder ficar com minhas filhas a tarde. E tenho uma prima que estudava de manhã e mudou pro turno da noite pra poder ficar com minhas filhas de manhã. Eu moro perto dos meus familiares, então qualquer coisa eles vão pra me ajudar. Se eu tiver que vim de manhã, à tarde, à noite, sempre tem alguém que aparece e diz, eu fico com elas pra ti, e eles ficam.” (**Hortência**)

Em relação minha família eu tive... Tive não, tenho muito apoio. A minha mãe, é ela que fica com meu filho. Ela sempre falou que eu não ia trancar que eu ia continuar, e que eu não ia parar de jeito nenhum. Na verdade, toda minha família em si, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe sempre me apoiaram, dizendo... Não, tu tem que te formar pra dá uma vida boa pro teu filho! Enfim... Sempre me incentivaram [...] (**Orquídea**)

Os discursos de **Hortência e Orquídea** ao falar acerca do apoio familiar, nos permitem perceber a assistência recebida por parte de suas progenitoras. É das mães, das respectivas graduandas a tarefa de cuidar dos filhos destas, para que possam permanecer na graduação, como ressalta podemos ainda verificar que a rede de apoio familiar é bem extensa, dispondo de grupo maior de pessoas em sua rede de apoio.

### **Lírio** ao articular diz:

“[...] sempre recebi muita ajuda, principalmente da minha mãe”. Eu digo que tenho essa certeza, que se não fosse ela, depois de Deus pra me ajudar eu não teria conseguido ta concluindo esse curso, ela foi fundamental nesse meu processo, sempre me ajudou! [...] O meu marido me ajudava, mas nem tanto, porque ele trabalhava fora, então era eu e minha mãe mesmo. [...] (**Lírio**)

É possível apreender tanto no discurso de **Lírio** quanto nos anteriores um elemento comum, a relevância da presença da progenitora destas universitárias-mães, como sendo a principal fonte de apoio destas universitárias. Estas mulheres conforme Rosseti -Ferreira, Amorin, & Silva, 2004, criam com estas jovens mães os primeiros fios deste processo de transição, construindo redes de significados[...]. Para algumas destas o apoio limita-se a figura materna, já pra outras a rede de apoio familiar compreende um número maior de pessoas disponíveis. Desta feita a família constitui-se o suporte essencial ao vivenciar esta experiência.

#### 4.6 - A IMPORTÂNCIA DA CRECHE

Nesta seção buscou-se fazer uma análise acerca da importância da creche no Campus Castanhal. E quais os possíveis implicações esta teria na condição das universitárias mães e demais alunos.

##### Para **Margarida e Orquídea**:

“Bem importante, ajudaria de mais! Porque, como eu falei não é um caso, são diversos. E é muito corrido, a gente não quer abrir mão do curso, mas também não pode abrir mão de um filho. Conciliar os dois num mesmo lugar ia facilitar muito.” (**Margarida**).

“[...] Muito importante, eu acho que deveria ter creche/berçário, porque muitas mães levam as crianças, os nenéns pra universidade, [...] teria onde deixar o bebê, e a gente poderia assistir a aula direito, [...]” (**Orquídea**)

Bem importante, conforme cita **Margarida**, não se trata de um caso apenas, mas diversos. Segundo ela a rotina de mãe e universitária é corrida, e apesar disto não deseja abdicar da sua formação, e muito menos de um filho.

**Orquídea** também considera como sendo algo importante, pois tendo onde deixar o bebê as mães assistiriam aula direito. Para **Margarida** a possibilidade de unir essas demandas em um mesmo ambiente facilitaria bastante a rotina de estudante e mãe. Ideia que também pode ser verificada na fala de **Girassol**:

“[...] Seria uma benção. Quantas colegas eu tenho aí que tem seus filhos de um, dois anos, [...].Você não faz ideia do que é você ta estudando e pensando... será que o menino já comeu? Será que ta bem? Em quanto que se ele ta numa sala aqui ao lado, [...] Sei lá, o filho vai ta próximo. (**Girassol**)

Para **Girassol** a creche atenderia a muitas mães e seus filhos no espaço universitário, além de dar a elas maior tranquilidade para estudar, sabendo que seus filhos estão bem próximos.

##### No dizer de **Hortência e Lírio**:

“Ajudaria muito! Seria muito bom tanto pra gente mães, quanto pras outras turmas que poderiam estagiar na creche, porque o que não falta aqui na universidade é bebê” (**Hortência**)

Sim! Seria muito importante tanto pra nós que levaríamos nossos filhos, e outros alunos. Nós mães, não teríamos mais a preocupação de com quem

deixar nossos filhos. Porque isso implica muitas vezes em faltar aula. Importante também para os outros alunos, pois poderia funcionar como um local de estágio. (**Lírio**)

Hortência e Lírio, afirmam em suas falas da importância da creche na Universidade para elas e seus filhos. Mas destacam também sua importância para os demais estudantes do campus, já que esta seria para esses um local oportuno para realizar estágio. Discurso que está em conformidade com Barbour; Bersani, (1991) ao afirmar que a creche [...] é a consolidação de um espaço que serve não apenas para demonstrar práticas, mas também para unir os professores de salas e os alunos da universidade em uma parceria que poderá afetar o desenvolvimento da educação, tanto para as crianças de hoje, quanto para os professores de amanhã. Podemos perceber na fala de todas as estudantes universitárias mães que estas consideram como de grande importância a creche na Universidade. Não apenas com forma de assistência as mães da Universidade, mas percebem neste espaço a oportunidade de outros alunos desenvolverem estágio. Promovendo o ensino, pesquisa e extensão.

#### 4.7 - MEDIDAS DE APOIO DA UNIVERSIDADE

Na presente seção buscou-se trazer trechos das falas das estudantes, a cerca do possível apoio do Campus Castanhal, para com estas universitárias mães. Através da proposição de medidas para o melhor atendimento das mesmas.

No dizer de **Margarida e Hortência**;

“[...] deveria ter um grupo de apoio, ou alguma coisa assim dentro da universidade, uma sala de amamentação, não sei... um fraldário,[...] porque agente traz a criança, é muito complicado trocar elas nesses banheiros[...]”(Margarida)

“Acho que um berçário, um banheiro. Eu trocava a bebe nas cadeiras, botava um paninho deitava elas e trocava, nas cadeiras, e outras vezes as minhas colegas botavam elas nas pernas e eu trocava.[...]” (Hortência)

Na fala de ambas universitárias, é possível identificar como ponto em comum questões estruturais, destacando a necessidade de um espaço que dê um melhor suporte a mãe e o seu bebê, referente a disponibilidade de um local, como um

banheiro especial, e/ou fraldário, para que estas pudessem fazer a higienização do seu bebê. Já que esta se torna complicada em banheiros comuns oferecidos na instituição. Ou mesmo fazer a higiene e a troca do bebê no colo (pernas) conforme cita Hortência.

#### Na fala de **Girassol** e **Lírio**

“A primeira coisa de tudo é começar um projeto né!?...de realmente uma humanização da universidade. Fazer rodas de conversa, se interessar realmente por essas estudantes. Fazer pesquisas periódicas... eles não sabem, tem menina que já tá no segundo filho e eles não sabem quem teve quem não teve. Se ela não tem uma necessidade diferente. Pensar em um apoio psicológico né?! Será que eles sabem que tem mães, grávidas que podem tá precisando de apoio?!” (Girassol).

[...] promover debates sobre essa questão, das mães universitárias, dá espaço para essas estudantes falarem. Acredito que nós mulheres somos a maioria nas universidades, e aqui não é diferente, então sempre vai ter estudantes grávidas, seja a gravidez planejada ou não. As próprias estudantes poderiam criar um grupo e com o apoio da universidade promover muita coisa legal sobre isso. (Lírio)

Em sua fala **Girassol** ressalta a importância inicial de criar um projeto, e de uma da Universidade mais “humanizada.” Propõe a realização de rodas de conversa e que haja um real interesse da Universidade pela causa destas estudantes, que a universidade busque conhecer a real situação dessas universitárias mães, oferecendo também a elas apoio psicológico.

Bem como **Girassol**, **Lírio** menciona a necessidade de ser discutida a questão dessas estudantes no campus, ressaltando que se as mulheres são maioria nas universidades, provavelmente neste campus também, casos de gravidez sempre ocorrerão. Acredita que com o apoio da universidade poderiam criar um grupo e juntos pensar em muitas coisas legais para essas universitárias mães.

#### No dizer de **Orquídea**:

“[...] Dos professores, e alguns diretores acadêmicos serem mais Compreensíveis com agente, porque muitos mesmo sabendo dos nossos direitos não aceitam de jeito nenhum, eles falam que a gente vai ficar reprovada, não tem empatia nenhuma com agente, então acredito que isso tornaria muito melhor pra gente mãe.”

Na fala de **Orquídea** encontramos a questão da humanização cita por **Girassol**. Orquídea comenta acerca da compreensão por parte dos docentes e

diretores. Acredita que um pouco mais de empatia já seria uma considerável melhora para as mães universitárias. Em seu relato também podemos inferir a negação de direitos destas estudantes, afirma ainda que não há empatia com estas universitárias mães.

Deste modo, conclui-se a partir das falas das universitárias mães, que entre as medidas que poderiam ser tomadas pela universidade estão presentes desde questões estruturais, como um banheiro com fraldário para higienização dos bebês, quanto oferecer para aquelas que necessitem um amparo psicológico, já que como foi possível constatar, para elas a gravidez foi algo não planejado. Além de dar mais visibilidade e voz a estas estudantes, promovendo rodas de conversa sobre maternidade e vida acadêmica.

#### **4.8- Relevando dados das faculdades.**

Buscando dar maior visibilidade as estudantes universitárias mães nos cursos de graduação do Campus UFPA Castanhal, buscamos junto às faculdades informações que possibilitassem nos fornecer dados tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo para presente pesquisa. Por meio de um requerimento foi solicitado às faculdades de: Educação Física, Letras, Matemática, Pedagogia, Sistemas, as seguintes informações:

- 1- Quantidade de mulheres, nas turmas no período de 2015 a 2019?
- 2- Quantitativo de graduandas que engravidaram e que demandaram e receberam atendimento domiciliar de 2015 a 2019?
- 3-Quantas graduandas trancaram e/ou abandonaram o curso decorrente da gravidez, e informaram a faculdade neste mesmo período?
- 4-Como a faculdade atende as demandas para atendimento domiciliar?
- 5-Como os docentes acolhem as demandas para atendimento domiciliar?

Ao solicitar estas informações teve início um tempo de uma longa espera e muitas idas ao campus em busca das informações solicitadas, por fim, obtivemos retorno de apenas três das cinco faculdades. Importante ressaltar que todas as faculdades e seus respectivos diretores alegavam não poder encaminhar tais informações, com exceção do número de mulheres, pois não há uma base de dados que pudesse fornecer tais informações em específico, e ainda quando uma discente

solicita o trancamento não lhes é solicitada uma justificativa para tal. Ainda assim, três das cinco faculdades encaminharam o solicitado, segundo afirmam somente o que lhes foi possível levantar, foram estas: **Faculdade de Letras, Faculdade de Pedagogia, e Faculdade de Sistemas (Computação).**

Desse modo, a Faculdade de Letras informou que o número de discentes do sexo feminino ativas entre o período solicitado é de 123, deste quantitativo a referida faculdade estima o número de 23 discentes grávidas. Informa ainda que não dispõe do quantitativo de acadêmicas que por motivo de gravidez trancaram e/ou abandonaram o curso desta faculdade, uma vez que a faculdade não é procurada para justificar o abandono. A respeito da necessidade de atendimento domiciliar a solicitações são encaminhadas ao Conselho da faculdade em questão, sendo protocoladas através do requerimento acadêmico, sendo em seguida encaminhadas via e-mail para os docentes que ministram as disciplinas no período da solicitação da acadêmica, sendo posteriormente apresentadas ao conselho de Letras nas sessões ordinárias desta faculdade. Destaca que os docentes prontamente se dispõem a realizarem as atividades na modalidade a distancia até seu retorno, em contrapartida, assinala que é de responsabilidade da requerente o devido retorno quanto as atividades/trabalhos, em tempo hábil, demandadas pelo professor.

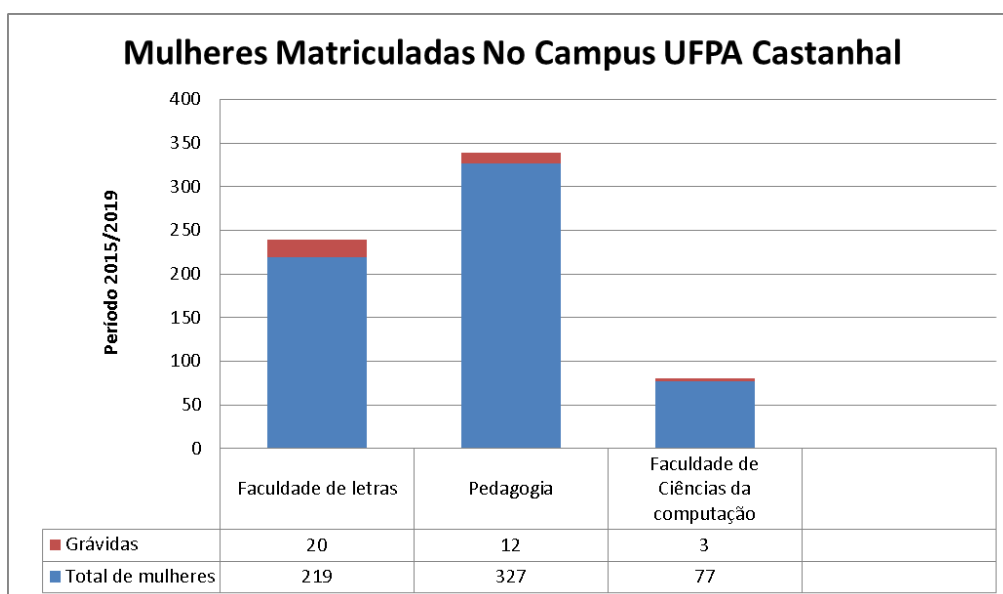
Na Faculdade de Pedagogia segundo as informações, o número de mulheres nas turmas no período de 2015 a 2019 é de 327, destas 12 demandaram atendimento domiciliar por motivo de gravidez. A cerca do trancamento decorrente de gravidez, informa que a mesma não dispõe destes dados, pois não há requerimentos que informem a situação do trancamento e/ou abandono do curso por motivo de gravidez. A referida faculdade informa que primeiramente é feito o preenchimento do requerimento acadêmico solicitando o atendimento domiciliar, anexando os documentos médicos que comprovem a gravidez, posteriormente o pedido é analisado pela diretoria, sendo deferido o pedido é encaminhado aos docentes um e-mail com o parecer da faculdade. No que tange ao acolhimento docente, a faculdade corrobora que neste e-mail consta também contatos da discente, como e-mail e telefone, para que por meio destes haja diálogo entre os envolvidos. Lembra também que as alunas são orientadas a manterem contato com sua turma para total ciência das atividades acadêmicas realizadas em sala.

Segundo informa a Faculdade de Sistemas (Computação), o número de acadêmicas nas turmas no período solicitado é de 77, deste quantitativo 3

engravidaram, tendo apenas 1 solicitado atendimento domiciliar. Quanto ao trancamento e/ ou abandono, a faculdade informa não ter conhecimento desta demanda. Quanto às atividades para estas discentes, estas são realizadas a distancia, acompanhada pelos docentes na forma online e teleconferência para auxiliar no ensino.

A partir destes dados aqui apresentados, achamos conveniente inserir parte deles em um gráfico, o gráfico abaixo apresenta alguns dados colhidos na pesquisa, como o número de mulheres nas turmas das respectivas faculdades no período de 2015 a 2019, assim como as acadêmicas que engravidaram neste mesmo período.

### Gráfico



A partir disto podemos concluir que a condição da acadêmica mãe no campus necessita de um maior interesse por parte destas faculdades, as dificuldades na obtenção destas informações, assim o pouco de empenho por parte de algumas faculdades em colaborar com esta pesquisa expõe o desinteresse por querer conhecer a questão destas acadêmicas mães. Acreditamos que o número de discentes que engravidaram no período solicitado seja bem maior que o expresso neste gráfico, já que não há um documento específico para esta demanda, dificultando a quantificação mais aproximada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos compreender como a maternidade era concebida e vivenciada pela mulher em determinados contextos históricos, e como essa concepção de maternidade sofreu modificações no decorrer dos anos.

Buscamos conhecer um pouco a trajetória da mulher na educação, seu acesso à educação básica e por fim o ensino superior, bem como as políticas públicas que garantam seu acesso e permanência. Ainda assim muitos desafios são presentes até hoje, apenas com reconfigurações. A presente pesquisa tem por objetivo conhecer os desafios enfrentados por mulheres, na condição de estudantes universitárias e mães do Campus UFPA Castanhal. A partir das entrevistas foi possível conhecer alguns dos desafios enfrentados por elas, tanto no que tange aos aspectos da vida pessoal, quanto àqueles relacionados à Universidade. Para estas estudantes os desafios de permanência e conclusão são maiores, do para aquelas que não vivem a maternidade concomitante com a vida acadêmica, mas apesar dos desafios, do cansaço e muitas vezes a vontade de desistir, essas universitárias mães encontram força e motivação para continuar em seus filhos, motivação também esta vinculada ao desejo de realização pessoal e profissional, mas principalmente de oferecer melhores condições de vida para seus filhos.

Para todas elas superar tantos desafios diariamente para continuar os estudos só é possível mediante o apoio incondicional da família, apoio que está centrado na figura de suas progenitoras, sem o apoio delas sua permanência e conclusão provavelmente não seria possível.

Podemos observar ainda que a condição de mãe e graduanda é uma realidade pouco observada, até mesmo invisibilizada por questões historicamente construídas, onde a figura masculina é o centro, menosprezando a luta e ascensão da mulher em todo os aspectos. Os resultados obtidos com esta pesquisa, não são um ponto final, mas apenas parte de um todo ainda possível de muitos estudos.

**REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, Jane S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Ed: Universidade Estadual Paulista, 1998. P. 225

ARANHA, M. L.A.A. **História da educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna,2006.

ARIÉS, Philipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara,1986.

BADINTER, E. (1980). **O amor incerto**. Lisboa: Relógio d'Água.

BADINTER, E. (2011). **O conflito: a mulher**.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOUR, N.B.; BERSANI, C.U. **The Campus Child Care Center as a Professional development school**. Early Chidhood Research Quarterly, Norwood, v.6. n.1, p. 43 -49, Mar. 1991.

BLAY, Eva Alterman e Conceição Rosana R. da. **A mulher como tema nas disciplinas da USP**. Cadernos de Pesquisa, nº 76, fev. p. 50-56,1991.

BRASIL. Senado Federal. Portal. **Desafios das mães universitárias e projetos em análise no congresso**. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/17/desafios-das-maes-universitarias-e-projetos-em-analise-no-congresso>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

BRASIL. Portal. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação**, 2016, Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-são-maioria-em-univeridades-e-cursos-de-qualificação>> Aceso em: 20 de maio 2019.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**. 2ª ed, tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos. 2002.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COMTE, Augusto. **Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (coleção os pensadores) p.278.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

COULON, A. **A condição de estudante: A entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FAGUNDES, M.R. **A creche no trabalho... o trabalho na creche: um estudo sobre o Centro de Convivência Infantil da Unicamp: trajetória e perspectivas**. 1997. 179f. Dissertação (Mestrado em educação) \_\_ Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Leal, I. (1990). Nota de abertura. *Análise Psicológica*, 8 (4), 365-366.

LOURO, G. L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós – estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

**Lei nº. 6.202, 17 de abril de 1975**. Atribui à estudantes em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e da outras providências. Presidência da República, 1975. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/Leis/1970-1979/L6202.html>> Acesso em: 10 abril de abril de 2019.

MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. **Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-la**. Uberlândia, 2009. Disponível em: <<http://livros01.Livrosgratis.com.br/cp108581.pdf>> Aceso em 26 de abril de 2019.

MINAYO, M. C. S (Org.) **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. Petrópolis. Vozes, 1995.

NÓVOA. Antonio. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n. 4, p. 109- 139, 1991.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: Gravidez e maternidade em grupos populares. In: \_\_DUARTE, L. F.D; LEAL, O. F.(org.). **Doença sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1998.p. 31-47.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. A educação das Mulheres na colônia. In: \_\_**A Educação da Mulher no Brasil - Colônia**. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

ROSEMBERG, F. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche - 1984. In:\_\_\_Rosenberg, F. (Org.). **Temas em destaque: creche**. São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1989<sup>a</sup>. P. 90 - 102.

SAMPAIO, S.M.R. Observatório da vida estudantil: histórias de vida e formação na educação superior. In: **III Congresso internacional sobre pesquisa alto biográfica**, 2008, Natal.

SANTOS, Elizabeth Ângela. **Gênero e profissão docente: as representações sociais das alunas egressas do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP**, campus de Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2008,105f.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVANA, Maria Bitencourt. **Maternidade e Carreira: Reflexões de Acadêmicas na Fase do Doutorado/** Silvana Maria Bitencourt. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

SILVANA, Maria Bitencourt. 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS GT13 Gênero, Trabalho e Família, **MATERNIDADE E UNIVERSIDADE: DESAFIOS PARA A CONTRUÇÃO DE UMA IGUALDADE DE GÊNERO**. (PPGS/UFMT), CAXAMBU, 2007.

SOUZA, Celina. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. *Sociologias* [online], PortoAlegre,n.16,dez.2006. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222006000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 12 março de 2019.

URPIA, A. M. de O; SAMPAIO, S. M. R. **Tornar-se Mãe no contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária**. 2008. Disponível em:  
<<http://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117.pdf>> Acesso em: 22 de março de 2019.

WOORWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**, Petrópolis, 2000.

## APÊNDICE



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, \_\_\_\_\_ nacionalidade, \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_ anos, estado civil: \_\_\_\_\_, profissão: \_\_\_\_\_, endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado Maternidade e vida acadêmica: um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães no Campus da UFPA, cujo objetivo é analisar os desafios enfrentados pelas estudantes universitárias mães, tendo em vista compreender como tais estudantes conciliam a maternidade com as exigências do mundo universitário.

A minha participação no aludido estudo será no sentido de responder a um questionário com perguntas semi-estruturadas. Fui alertado (a) de que, da pesquisa a ser realizada, o único benefício a esperar serão os conhecimentos produzidos pelo estudo acerca da temática em questão e uma socialização pública desses conhecimentos no órgão onde está vinculada a pesquisa. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome em qualquer outro dado ou elemento que possa de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo, tanto no trabalho escrito quanto na apresentação pública.

Os pesquisadores envolvidos no referido projeto são: Eula Regina L. Nascimento, e Débora Lameira Silvestre, ambos da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, e com eles poderei manter contato pelo telefone (91)987229279.

Esclareço ainda que me foi garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois de minha participação. Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o fone: 3311-4613 (UFPA-Castanhal) ou mandar um *email* para Silvestredeb@gmail.com.

Castanhal, \_\_\_/\_\_\_/2019

---

Colaborador da Pesquisa

---

Pesquisador(a)

## **Roteiro da Entrevista**

1- O que você entende por maternidade? O que é ser mãe?

2- O que é ser mãe e gradunada concomitante para você?

3- Como foi ser mãe e graduanda com relação ao seu curso?

4- Em relação à Universidade /faculdade?

5-Em relação aos docentes e disciplinas?

6-Ao acompanhamento domiciliar?

7-A sua turma?

8-A sua família?

9-Em algum momento você pensou em abandonar ou trancar a graduação? Comente.

10-Quais as dificuldades enfrentadas ao ter conciliar maternidade e vida acadêmica?

11-Quais medidas a Universidade poderia tomar para um melhor atendimento as mães universitárias? (Grávida/ Lactante)

12-A existência de uma creche berçário no Campus seria importante para você? Justifique.